

*Vestígios do dia:
Crônicas Narrativas*

José Luiz Marques



*Vestígios do dia:
crônicas narrativas*

José Luiz Marques

2023

© 2023, FoxTablet

Título: Vestígios do dia – crônicas narrativas

Autor: José Luiz Marques

Coordenação Editorial: Rubens Pantano Filho

Arte da capa: Maria Ângela Lourençoni.

Diagramação e Arte final: Ademilson Francisco Couto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
	Marques, José Luiz.
M357v	Vestígios do dia [livro eletrônico]: crônicas narrativas / José Luiz Marques. - Salto, SP: FoxTablet, 2023.
	140 p.
	Formato: PDF
	Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
	Modo de acesso: World Wide Web
	ISBN: 978-65-89010-96-8
	1. Literatura brasileira - Crônicas. I. Título.
	CDD B869.3
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Índices para catálogos sistemáticos:

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem a permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19/02/1998).

Todos os direitos desta edição reservados pelos autores.



Rua Toscana, 176 – Bairro Vila Roma – Salto/SP – CEP 13321-440
www.foxtablet.com.br / contato@foxtablet.com.br / (11) 98689-1789

Sumário

Apresentação	6
Uma das saudades suas	9
No elevador	11
Da leitura natural da vida	13
A morte da pernalonga.....	15
A Odisseia e a ida ao mercado	17
Quem já foi rei não perde a majestade?	19
Privilégio de alguns.....	21
Posso “emprimir”?	23
Dois “pião”, um real.....	25
A amargura ao nosso alcance.....	27
Epistemologia, quem és tu?.....	29
A Moça do Vestibular	31
Nina, ela mesma.....	33
Uma convivência espontânea.....	35
O vendedor de pães	37
Do censo ao bom senso	39
Shakespeare e o dentista.....	41
A linguagem da vida	43
Ouvir, escutar, perguntar e responder	45

Gente fina é outra coisa.....	47
Na Padaria	49
Nina e a frágil Esmeralda.....	51
O self-service de cada dia	53
O celular nosso de cada dia.....	55
Os seca-pimenteiros	57
No parque.....	59
O dia do professor	61
Quem sabe de Margarida?.....	63
A borboleta azul	65
No cinema	67
De mãos dadas.....	69
Um caso sério.....	71
Os cara é foda.....	73
Aulas quase divertidas.....	75
Ao amanhecer.....	77
Bom fim de semana ou bom final de semana	79
O dia dos mortos	81
A história de um motorista.....	83
Paciência	85
Enfeitando o Natal.....	87
A morte de Gal Costa.....	89
Um velho tecladista.....	91
Um doce sonho.....	93
O que é bom não dura	95
Seu Bento	97

A velha religiosa	99
O dia de Domingo	101
O motoboy.....	103
Black Friday	105
A dieta de ninguém	107
Na rodoviária de São Paulo.....	109
Eu “sejava”	111
A Copa e Pelé.....	113
O panetone	115
A pizza de camarão	117
Eu e o espelho, apenas	119
Lembranças na noite	121
As velhas	123
A decisão.....	125
A caixa	127
Nina e Babalu.....	129
A ex-aluna	131
O velório e a pós-modernidade	133
Apenas volúpia.....	135
Chiquinha chegou.....	137
Vestígios do dia.....	139

Apresentação

Vestígios do dia é um livro de pequenas crônicas narrativas que contam e analisam fatos cotidianos na vida do autor. Pequenos fatos, mas que pela maneira de contar e pela linguagem utilizada acabam se tornando grandes acontecimentos. Os fatos são muitos, desde uma corriqueira visita ao dentista até delicados sonhos com quem já se foi desta vida e deixou muitas saudades.

Repletas de detalhes e com uma linguagem mesclada de objetividades das referências cotidianas e da poética da análise sensível, o autor compõe um mundo de ações e sentimentos que fazem o leitor percorrer o caminho da compreensão e da interpretação da vida.

Como o autor mesmo disse, sua distração é escrever sobre o seu cotidiano, às vezes em primeira pessoa, às vezes em terceira, mas o seu mesmo porque o vive, o observa e o analisa em forma de vestígios. Vestígios do dia, portanto.

Ler essas crônicas narrativas é como conhecer um pouco a visão de mundo do autor, mas ao mesmo tempo uma visão também universalizante de qualquer um de nós, que vivemos nossos dias cheios de vestígios interessantes de serem observados e analisados.

Vestígios do dia é um registro do passado e do presente. O futuro é apenas mistério...

Prof.^a Dr.^a Jane Shirley Scodro Ferretti

*Só me comprometo com a
vida que nasça com o tempo
e com ele cresça.*
Clarice Lispector

Uma das saudades suas

Não é possível compreender mais do que isso. Minha mãe era assim. Naquele portão eu a via me esperar uma vez por mês com seus cabelos presos, olhos profundos e sorriso largo. Suas conversas cheias de novidades se estendiam pelo fim de semana adentro, e eu até já sabia que metade delas era fruto de sua detalhista observação da realidade.

A realidade para ela era mesmo difícil de ser analisada friamente e então encontrava um jeito de melhorá-la em seus detalhes porque seu estilo esperançoso de ver a vida assim permitia.

Eu ouvia com atenção seus diversos e longos relatos, entre eles, sobre como a vizinha lavava a calçada, como os passarinhos sujavam o quintal, como sua vida era na juventude, como fritava pastéis de carne.

Eu tocava suas mãos e falava pouco, um pouco de mim e da vida que me cercava. Ouvia muito porque aprendi a ouvir os mais velhos exatamente com ela, quem muitas vezes me disse que ouvir é uma das habilidades mais difíceis de ser exercitadas pelo ser humano. Até as plantas ouvem mais do que gente, disse-me um dia irritada com alguém.

Antes de eu ir embora, fazia uma cruz em minha testa e falava coisas bonitas, coisas que eu gostava de ouvir e que guardo ainda no escaninho da alma.

Punha-se novamente no portão para esperar meu carro virar a esquina e se perder pelas rodovias da vida.

Disse um poeta que o tempo e a distância curam qualquer saudade. Essa eu não sei, não. Parece que ainda a ouço por vezes, nem sei mais se uma vez por mês, mas ouço. Vejo seu sorriso largo e, sem muita explicação, sinto o cheiro dos pastéis de carne. Só não sinto mais seu toque nas mãos. Pode ser porque nossos sentidos se manifestam na mente e com o tato deve ser diferente. Não sei, mas conforto-me: não, não é possível compreender mais do que isso...

No elevador

O elevador é um lugar que nos torna, pelo menos por alguns segundos, quase idênticos. Primeiro porque sabemos que os outros que ali estão conosco moram no mesmo prédio, vivem os mesmos dilemas condominiais, têm direito aos mesmos espaços.

E segundo porque naquele domingo entramos em três no elevador. Um do quinto andar, outra do sétimo e finalmente eu do oitavo. Três bons dias quase ao mesmo tempo. Aquele senhor, procurando ser o mais cordial possível, perguntou sobre nossos andares e apressou-se em apertar os respectivos botões. Logo a moça se precipitou em admiração ao dia dizendo que o sol estava muito gostoso lá fora e que adorava fazer caminhadas. Eu fui o último a dizer que minha coluna não andava muito boa.

Um silêncio nos acometeu. Então o senhor previu que iria esfriar a partir da Quarta-Feira, vira na internet. A moça logo respondeu em tom decepcionado que isso a atrapalharia em suas andanças pelo parque. Eu acrescentei que geralmente minha coluna doía um pouco mais no frio. Os dois nem responderam.

Ele desceu com sua sacola plástica e a porta se fechou. Ela se apressou em dizer que ele era um síndico que gostava sempre de discordar, um homem do contra. Eu me encostei na parede do

elevador endireitando minha coluna, deixando-a mais reta. Um exercício recomendado pelo osteopata, disse para ela quando me olhou. Ela desceu com sua garrafinha de água e a porta se fechou.

Dois moradores atentos à vida, agradáveis e felizes em concordarem ou discordarem do tempo, esse tempo que aparece em nossa fala quando não temos do que falar. Mário Quintana disse que “esses que puxam conversa sobre se chove ou não chove - não poderão ir para o Céu! Lá faz sempre bom tempo”.

Assim creio que minha coluna me salvara do inferno e ainda bem que eu disse quase idênticos no início. Desci no oitavo com minha coluna. A porta se fechou.

Da leitura natural da vida

Em um tempo longínquo entrevistei muitos professores sobre suas leituras. Naquela época, considerando ser eu também um, diziam-me geralmente que suas últimas leituras tinham sido dos famosos clássicos. Não faltavam Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e muitos outros clássicos estrangeiros nas respostas, às vezes até muito bem elaboradas com floreios e requintes desnecessários sobre o ato de ler.

Eu sempre fazia uma pergunta teste a mais sobre alguns detalhes ou acontecimentos dos livros citados por eles. Uns respondiam laconicamente, outros gaguejavam e respondiam a suas maneiras e outros ainda, os mais honestos diziam não se lembrar ou assumiam que nem tinham lido aquelas partes do livro.

O ato de ler pretende ser natural, de preferência movido pela vontade e pelo gosto particular que temos pela curiosa e misteriosa linguagem dos homens (e mulheres).

Deveria ser cansativo para aqueles professores só lerem os clássicos até porque eles têm uma linguagem mais densa, elaborada ao estilo de cada época e cada autor e, muitas vezes, muitas mesmo, desanimamo-nos um pouco durante o livro em função dos próprios vocabulários.

Ziraldo disse que ler é mais importante do que ensinar e do que aprender. Ruth Rocha, que é uma viagem sem volta. Lajolo, que ler é compreender melhor o mundo. Geraldi, que deve fruir conforme cada gosto e identificação do leitor. Já Paulo Freire nos ensinou pacientemente que a leitura de mundo precede a leitura de textos, ou seja, a leitura da experiência individual, a leitura que aprendemos a fazer da vida, dessa maravilhosa e também professora festa da vida...

A morte da pernilonga

Diz a Ciência que o pernilongo serve apenas como alimento para alguns animais como a aranha e a lagartixa, além disso diz também que as fêmeas picam porque necessitam de sangue para se reproduzirem. Aquela pernilonga picadeira e barulhenta serviu também para outras coisas.

Deitado no sofá percebi que ela veio lentamente como se quisesse não atrapalhar meu descanso. Com as mãos a espantei. Sumiu. De repente veio em disparada zumbindo cada vez mais alto em meu ouvido até que senti a picada no pescoço. Bati a mão. Novamente o zumbido no ouvido, só que dentro dele. Levantei-me rapidamente tentando espantá-la com as mãos, mas quanto mais eu investia sobre ela, mais eu ouvia seu zumbido no interior do ouvido. Desesperei-me. Usei as mãos, um cotonete, uma pinça. Tudo em vão. O zumbido durou lá dentro da alma umas duas horas até ir se arrefecendo e parar. No final se assemelhava a um choro, se é que pernilonga chora.

Essas duas horas torturantes de zumbido (ou choro) me levaram a uma otorrino que explicou que era muito comum acontecer isso. Contou-me, enquanto cuidadosamente tentava tirá-la, que

também moscas, abelhas e aranhas apareciam ali em seu consultório para serem arrancadas de ouvidos.

Durante a lavagem com a seringa, a pernilonga escorregou em minha orelha afora como se estivesse deslizando em um parque aquático. Seu corpo agora boiava na cuba de metal cheia de água. A médica até deu um gritinho de alegria. Eu não.

Fui embora. Parecia que o zumbido me acompanhava no taxi. De volta ao lar coloquei uma música alta para testar a audição, espirrei veneno contra moscas pela casa toda e fiquei pensando naquela pernilonga boiando morta na água, sem movimentos, as perninhas soltas, sem as suas asas e pálida, pálida mesmo, sem absolutamente nenhum vestígio de meu sangue. Senti pena dela. Era também parte de mim.

A morte faz um trabalho perfeito, ensina-nos a lidar com ela, a entender que cada hora do nosso passado a alimenta, ainda que seja com o nosso próprio sangue e, por isso mesmo, nos é tão familiar.

A Odisseia e a ida ao mercado

Uma das atividades que mais procrastino é a ida ao mercado. Primeiro para não me lembrar da política financeira dos dias atuais e segundo, depois de um dia intenso de trabalho, ainda ter que sentir raiva daqueles que cuidam da economia deste País.

Ontem fui às dezoito horas. Uma epopeia homérica. Senti-me Ulisses em suas peripécias, enfrentando obstáculos e aventuras para então depois poder voltar para casa, claro que não ileso, mas com aquela vontade de dizer “lar, doce lar”.

Um carrinho cujas rodas da frente gracitavam feito gansos nervosos em um barulho irritante para aquela hora do dia, os preços exorbitavam com falsas promoções de leve três e pague dois, as pessoas reclamando dos preços umas para as outras, as demonstradoras oferecendo pedacinhos de qualquer coisa, empilhadeiras e caixas com embalagens espalhadas pelos corredores, seguranças atentos aos furtos repentinos, uma música repetitiva, chorosa e alta daqueles cantores (aos tantos) sertanejos universitários, a falta daquele produto que a gente sempre procura e ninguém sabe direito onde está. Até que cheguei à grande aventura: a volumosa fila do caixa.

Depois de uns vinte minutos de espera, aquelas irritantes perguntas sequenciais sobre CPF na nota, cartão preferencial, nota fiscal paulista, dinheiro ou cartão, débito ou crédito, senha ou aproximação, uma doaçãozinha para entidades beneficentes e as sacolinhas plásticas.

No carro veio a tarefa apressada de colocar, uma a uma, cada sacolinha no porta malas enquanto alguém me importunava com a seta do carro ligada e esperando eu sair para ocupar minha vaga no estacionamento. A fila de carros para sair do estacionamento foi um dos obstáculos finais, mas menos doloroso.

A chuva não ajudava muito e a morosidade dos carros ainda me fez colocar uma música menos irritante do que aquela de dentro do mercado. Lembrei-me então do *gran finale* da história, o de acomodar as compras em seus lugares quando eu chegasse em casa.

Ulisses venceu apoteoticamente seus obstáculos em “A Odisseia”, de Homero. O aprendizado conferiu a ele, ao filho Telêmaco e à esposa Penélope a graça da sobrevivência pela paciência e pela luta. É disso que estou falando. Procrastinar a ida ao mercado para mim tem fundamento neste caso e faz toda a diferença.

Quem já foi rei não perde a majestade?

Foi justamente no momento em que ela entrou no elevador com as compras do mercado que a porta se fechou. Tinha que ser com ela. Ironia do destino com quem sempre me disse que sua vida era como a de um pássaro livre para voar.

Seus gritos altos e agudos e murros fortes na lata ecoaram pelos corredores do prédio. Ficara presa no elevador no quinto andar. Era Fifi, a burguesa decadente do oitavo, como era chamada. Acostumada a uma vida grã-fina na mocidade, por caminhos tortuosos viera parar em um quarto-sala daquela barulhenta avenida. Perdera a fortuna, mas não a empáfia.

Corremos para acudir. Forçamos a porta, empurramos a alavanca, nada de abrir. Alguns tentavam consola-la pedindo calma, outros a chamavam carinhosamente. Houve até quem arriscou uma brincadeira pedindo para que ela aproveitasse e fizesse amizades lá dentro.

Rimos do lado de fora pedindo para que também se descontrai-se com a brincadeira. Que nada! Ela se enfureceu e passou a vociferar palavras que ofendiam a cada um de nós em particular.

Fomos deixando o corredor, um a um, desconsertados e vagarosamente depois que o técnico chegou, abriu a porta e a retirou de lá.

Na manhã seguinte a encontramos ríspida no saguão dando ordens ao porteiro que ainda sem jeito não respondia nada. Depois saiu em direção à rua sem agradecer ninguém. Da escada ainda pude vê-la na esquina. Tivera que vender seu carro para pagar uma dívida, comentou alguém. Quando me voltei pela última vez, vi que cada um também seguiu seu caminho.

Meses depois fiquei sabendo que ela se mudara deixando alugueis atrasados.

“Se se perde o reinado, não se perde a majestade”, disse alguém um dia. Fifi perdera os dois. Sua vida, entretanto, continuou a assemelhar-se à de um pássaro, só que de arribação.

Privilégio de alguns

Quando me mudei estanei aquele senhor varrendo sua calçada pela manhã, sempre metuculoso, primeiro as flores e folhas maiores, depois as menores e por fim o que restava delas: galhinhos, areia e até algumas sementinhas espalhadas por ali. Começava por sua garagem e ia ampliando o trabalho até o pé daquele frondoso e lilás Jacarandá Mimoso.

Varria a sua calçada, o asfalto, a calçada dos vizinhos, o asfalto dos vizinhos da direita, depois dos da esquerda e por fim chegava ao pé da árvore. A vassoura surrada e seu velho gato branco de olhos azuis o acompanhavam em seu trabalho diário. O gato chegava até a investigar naquele monte de folhas e galhos se não haveria alguma presa desatenta que pudesse fazer passar também o seu tempo.

Vim a saber por vozes cheias de justificativas que ele era aposentado e o tempo ocioso o autorizara àquela pacienciosa arte da varredura. Cabelos brancos, bermuda até o joelho, camisa de manga curta e uma sandália franciscana no pé, sua presença ao nascer do dia era infalível.

Depois de terminada sua façanha, espargia água com um balde pelos lugares limpos, levantando uma pequenina e rápida

poeira. O gato saía dali, escaldado pela experiência, vibrando as patinhas e buscando um lugar nas poltronas da garagem para se descansar de seus descansos matinais.

Até hoje o homem varre a rua todos os dias. Drummond disse uma vez que fazer tarefa pacienzosa e rotineiramente é característica de uma “vida besta, Meu Deus!”

Nem sempre. Eu me atreveria a dizer que neste caso é de uma privilegiada vida e cheia da necessidade de privilegiar.

Posso “emprimir”?

Um professor deve mesmo ter muita força de vontade e muito gosto pelo que faz. Tarefa árdua. A disciplina era Linguagem e Ensino. Uma pós-graduação. Pela manhã era produtiva, com leituras, discussões e debates acalorados, originados da própria experiência dos estudantes, já à tarde os ânimos se continham e naquele dia eu falava sobre Língua.

Até que li um pequeno texto escrito por um estudante, pequeno mesmo, uns três parágrafos e neles tinham várias inadequações ortográficas e gramaticais. Chamei-o para uma conversa professoral, daquelas que a gente tem apenas com quem acha que vale a pena.

Não valia. Ao invés de me ouvir, ele se justificava dizendo que na escola onde lecionava havia pessoas que escreviam bem pior, ou seja, ainda se achava em vantagem diante daqueles parágrafos mal escritos, e disse-me também que em sua trajetória havia visto escritas piores, posturas justificativas para quem gosta de nivelar sua conduta profissional à revelia.

Reescrevemos ali mesmo seus parágrafos. Ele foi acatando desconsertado cada questionamento meu e realizando as correções necessárias (aquelas que julgo necessárias) para um bom texto ou,

pelo menos, para um texto apresentável. Depois digitou-o em seu notebook que maquinalmente fez o grande favor de dar ao texto um requinte final.

Ele insinuou que no futuro as novas tecnologias pensariam pelo homem, uma reflexão típica de quem entende o pensamento e a linguagem como duas manifestações absolutamente diferentes e sem conexões. Eu apenas ouvi. Eu era professor e daqueles com força de vontade e gosto pelo que faz.

Finalmente ele me disse que iria “emprimir” e me entregaria até o final da tarde. Não resisti e respondi que, se caso ele encontrasse uma “empresora”, me avisasse rapidamente. Ele, querendo ser cortês, saiu em busca da tal “empresora” pelos corredores da faculdade...

Dois “pião”, um real

Eu caminhava na orla naquele fim de tarde de Dezembro. Todos diziam que o pôr do sol ali era inesquecível, então resolvi conferir de perto. Primeiro com uma longa caminhada à beira mar e depois com um passeio na orla a observar o movimento e a bela paisagem baiana de Salvador, a terra da felicidade, segundo Dorival Caymmi.

Nessas horas o pensamento fica leve, solto e a gente consegue imaginar coisas boas, a desejar que a tarde nunca se acabe, a relembrar momentos inesquecíveis e até se esquece da vida tribulada que levamos longe daquele paraíso azul, onde o céu lá no infinito se encontra com o mar, e ele vem beijar as pedras e a areia branca da praia. Isso nos acorda para uma livre vontade de viver. Já próximo ao Porto da Barra ouvi um barulho alto, repetitivo que a princípio me lembrou o canto de uma Araponga. Um barulho que se assemelhava a um martelo batendo em uma pedra e produzindo um som agudo aos ouvidos, um misto de espécie de choro dolorido e galanteio sonoro típico do canto dessa belíssima ave.

Não era. Era um garotinho vendendo piões. Vinha caminhando em sentido contrário e quanto mais se aproximava, mais

nítido eu o ouvia gritar repetitiva e incansavelmente: “dois pião, um real”, “dois pião, um real”, ”dois pião, um real”...

Sua pequena estatura, seus olhos cheios de vida e seus cabelos despenteados se perdiam diante das gentes que por ali passeavam, mas sua voz estridente fazia questão de se destacar em meio ao murmúrio e conversas de todos.

Meio sem jeito comprei dois piões e dei a ele dez reais, com essa desagradável mania que temos de querer ajudar.

Depois eu e ele nos debruçamos na mureta da orla e ficamos vendo o tão falado pôr do sol baiano. Ele me disse que o via todos os dias e que depois sempre nadava. Quando me voltei para ele, já o vi correr para o mar, tirando a camisa, deixando os piões na areia e mergulhando livremente na água daquela hora quente do dia. O pôr do sol baiano é realmente um evento inesquecível.

Preso ainda aos meus pensamentos e novamente sozinho voltei ao hotel, guardei os piões. Da janela do quarto ainda pude ver a paisagem do mar já enegrecida pela falta do Sol. Na calçada o garoto indo embora com seus piões, sua roupa e seus cabelos molhados, sua voz aguda e estridente anunciando a venda em canto de Araponga e sua natural e libertadora vontade de viver...

A amargura ao nosso alcance

É difícil me ater às conversas dos outros em restaurantes, até porque considero que a hora do almoço é um momento em que devo ensimesmar-me, principalmente quando me sento sozinho para comer. Gosto primeiro da salada e depois do prato quente. Assim aprendi, assim me acostumei e assim faço, ou seja, um ritual mesmo.

Mas aquele casal falava alto e, creio, fazia muita questão de que eu participasse de sua conversa, nem que fosse apenas ouvindo-a. Era uma história antiga pelo jeito, dessas que se arrastam anos sem muita solução, isso porque ela já havia repetido que estava cansada de falar e ele não ouvir.

Dois cinquentões a tirarem a paz de outrem na hora do almoço.

Ali eu ouvi que ele sempre se atrasava, que não tinha o mínimo respeito por ela, que ela não sabia reconhecer as atitudes dele, que o *Scooby* (acho que era o cachorro deles) ficava sem comida, que as crianças preferiam a casa da avó, que bem que o cabeleireiro dela havia dito que naquele mato tinha coelho.

Olhei meu pedaço de bife acebolado e cortei-o ao meio com muita vontade, como se tivesse sido acometido pela raiva que um sentia pelo outro naquela conversa. Rasguei com veemência o bife

em dois pedaços, a faca riscou o prato fazendo um barulho diferente e, escapando de minha mão para o chão, foi saltando até os pés deles bem embaixo da mesa.

Os dois sequer pararam sua empolgante conversa. Nada os afetava. Continuaram a se digladiar com uma verborragia específica e contextualizada em uma vida conjunta tão conturbada quanto sem atrativos. Conturbada porque era evidente naquele comportamento de ambos e sem atrativos porque a única forma de atraírem as atenções de alguém para eles era discutirem ali naquela mesa suas faltas de atenções.

Nem comi a sobremesa. Aproveitei a dieta e pedi um café quente e amargo. Saí sem olhar para trás e no passo a passo das horas do dia, às vezes, ainda pude ficar pensando na amargura do marido, da esposa, do *Scooby* (coitado!), das crianças e, sobretudo, na deliciosa amargura do meu café...

Epistemologia, quem és tu?

Fui convidado no mês passado para dar uma palestra sobre os aspectos epistêmicos do ensino superior a um grupo de alunos que estão em busca da formação necessária para serem professores desse nível de ensino.

Qual não foi minha surpresa quando cheguei ao local e vi um auditório decorado com palmas brancas, tapetes e cadeiras aveludadas em tom vinho e um aparato tecnológico de fazer inveja ao evento de entrega do Oscar e, ao mesmo tempo, certa estranheza quando um dos organizadores me perguntou antecipadamente o que seriam os tais aspectos epistêmicos. Respondi rapidamente.

Logo imaginei que eu teria que fazer uma explanação do assunto à altura daquele fino auditório e assim tentei e fiz. Foram quarenta minutos perseguindo uma linha de raciocínio Ferrieriano sobre a natureza do conhecimento, enquanto os estudantes me ouviam atentamente, preocupados em anotarem e a organizarem questionamentos para o fim daquele encontro.

Terminada a explanação e aberto o momento das perguntas, os estudantes foram levantando dúvidas desde o surgimento, a formação e a base do conhecimento até a sua comprovação de existência real. Respondi a todos com um interesse e uma paciência

professorais, atividades que há tempos não exercito em sala de aula, mas que consegui dar conta naquele momento, tenho certeza.

Aquele organizador sempre preocupado em fazer com que tudo funcionasse direitinho, inclusive as novas tecnologias do local, não contente com minha resposta inicial a ele e nem com as dúvidas discutidas ali, pegou o microfone e perguntou novamente o que seriam então os aspectos epistêmicos do ensino superior. A plateia riu descompassadamente em um tom médio e disfarçado, e os estudantes começaram a cochichar entre si, levando as mãos à boca e desdenhando da pergunta do organizador que, vim a saber mais tarde, era também um antigo professor deles. Respondi novamente.

Alguns dos estudantes me disseram que aquele professor havia deixado a sala de aula para se dedicar à organização dos eventos daquela instituição. Um grande perigo esse para a docência. Lembrei-me momentaneamente de Adorno e o parafraseei para aqueles garotos: quando nos entregamos de corpo e alma à praticidade do todo poderoso processo de produção, corremos o risco de rejeitarmos, negarmos e esquecermos o que significa o conhecimento teórico, infelizmente...

A Moça do Vestibular

Era Domingo. Naquele portão quase por fechar vi que ela se encostou zonza e cansada, ofegante e com um pouco ainda de esperança.

A prova começaria às treze horas. Uma prova que decidiria os próximos anos de sua vida que, segundo ela mesma me revelou bem mais tarde, andava sem rumo.

A fome é dolorida e ali assombrava seus dias há algum tempo, e quando ofereci a ela um pedaço de bolo de coco, vi que seus olhos brilhavam ao comê-lo com o café feito pelo porteiro que também com muita presteza resolveu ajudar. Ele mesmo nos disse naquele momento que a fome tem infernos. Só mesmo depois de um tempo me dei conta dos infernos que a fome tem e do quanto ela mora perto de nós.

Lembrei-me dos últimos acontecimentos nas filas dos mercados em que pagamos por nossas compras e das pessoas que vejo nos centros urbanos vagando pelas ruas e a pedirem por comida.

Só fiquei sabendo que ela fez a prova de vestibular quando ele me disse semanas mais tarde, fazendo questão de me lembrar daquele rosto cansado no dia em que a encontramos no portão e que, em um pequeno gesto de salvação, pudemos ajudar a se recompor.

Depois de uns dois meses voltei a reencontra-la lanchando na mesinha de convivência da faculdade. Cumprimentou-me feliz da vida porque conseguira sua primeira nota oito em Matemática e fez questão também de me dizer que tirara seu passe escolar logo pela manhã daquele dia para fazer uma entrevista de emprego em um consultório médico.

Deixei-a lanchando, segui meu rumo pelo pátio e sem olhar para trás. Mas já não segui só, segui com uma sensação mista de prazer e satisfação de, um dia, eu e o porteiro podermos ter ajudado aquela menina e com a certeza de que um pedaço de bolo de coco e um copo de café sustentaram também seu desejo de vencer na vida.

O porteiro tinha razão, e se a vida tem infernos, mais inferno tem a fome e mora perto do Céu...

Nina, ela mesma

E foi naquele dia de muito trabalho em busca de alguém que pudesse me ajudar adentrar e a conhecer aquele lugar íngreme, sujo, um galpão de uma indústria abandonada e repleto de restos de madeira e ferro enferrujado que, ao invés de pessoas, encontrei Nina.

Achei que fosse um pedaço de pano cinza encardido jogado por ali até ouvir o seu miado lento e demorado como se quisesse me pedir para reconhecê-la e, ao mesmo tempo, conhecer-me mais de perto para que pudéssemos ter uma conversa franca e amigável.

Depois de muitas investidas, quando consegui por fim, pegá-la, senti que era isso mesmo, um desejo de encostar-se em um peito amigo, daquele que a gente só tem quando tudo parece desabar à frente e nada mais nos resta a não ser esperar.

No primeiro ano juntos pensei que nunca iria conseguir fazer com que ela perdesse seu estranho medo, adquirido talvez naquele barracão escuro e cheio de perigos para uma vida tão frágil. Um ano de pandemia, paciência, muito cuidado e de uma convivência vagarosa e meticulosa, quase em câmera lenta. Um passo a passo, literalmente.

Depois disso tudo virou festa. Festa mesmo. Desde seu olhar para um amanhecer cheio de passarinhos e maritacas cantando alto

nas janelas até os roubos de comida sobre a pia, pedacinhos e flashes de cotidianos que foram se constituindo como parte integrante do segundo ano de uma convivência cheia de afetos, de brigas e entendimentos.

Fez três anos de vida em Outubro de 2022, uma mocinha de vinte e oito anos na tabela comparativa com os humanos, já caminhando para uma quase definição balzaquiana de responsável, curiosa e cheia de desejos. Tão responsável que cuida de olhar pelos cantos da casa como se fosse encontrar uma ameaça em seu espaço, uma leoazinha que parece desejar sempre que algo insólito possa acontecer para que ela, de maneira sagaz e repentina, aja com suas garras afiadas.

Ainda temos conversas francas e amigáveis e nas quais presta muita atenção com seus olhos azuis, seu rabo ereto com a ponta torta e como se quisesse sempre aprender. E com esses mesmos e curiosos olhinhos azuis vai iluminando cada espaço conquistado no apartamento, nos corredores do prédio, nos elevadores, no coração da vizinhança, na minha vida...

Uma convivência espontânea

O ambiente acadêmico sempre foi indescritível para mim. Primeiro porque é nele que discussões surgem quando os assuntos são ensinar e aprender e segundo porque os que dele fazem parte falam e se posicionam sempre de maneiras diferentes. E foi a partir desse lugar que me fiz desde os vinte e poucos anos, época em que lecionava na escola básica pública da periferia de Campinas junto aos meus colegas do Ensino Médio.

Hoje, já cinquentão, ainda o vejo e o entendo assim, funcionando a partir de uma linguagem cheia de sentidos, repleta de mistérios e de contradições que continuam dando a ele a sua verdadeira razão de ser.

Conheci nele também a professora Leila Caldas, muito querida por seus colegas e por seus alunos e com quem tive e tenho ainda o prazer de compartilhar momentos de alegrias e descontrações em shows de cantores pelos quais temos mais ou menos preferência.

Pouca experiência docente trocamos juntos. A vida se encarregou de me conduzir para o além-docência da área administrativa escolar. Trabalhamos em um curso de graduação juntos e, como coordenador, vi a preocupação dela com os alunos ingressantes saltar aos meus olhos em suas aulas de Inglês sempre

muito acolhedoras para aquela turma de um período tão difícil e cansativo: o período da tarde.

Vendo o seu trabalho naquela época, vendo-a produzindo material extra e acompanhando de perto cada aluno carente daquela turma, lembrava-me de Paulo Freire que, em sua *Pedagogia da Autonomia*, diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção”.

Divergíamos às vezes nas questões ideológicas e cotidianas da política brasileira, questões que são parte de nós mesmos porque também nos definem como seres pensantes e capazes do debate profícuo e esclarecedor naquilo que só mesmo a essência das ideias pode nos revelar.

Em função de minhas atribuições como Diretor da Faculdade, afastei-me ainda mais da professora Leila Caldas, que também logo se despediu da Unidade para aposentar-se e viver a vida com mais leveza, creio eu.

Por ocasião de sua despedida tive o prazer e a honra de entregar a ela uma placa em sua homenagem pelo tempo que se dedicou aos alunos, à Unidade de Ensino e, sobretudo, à Educação. Foi um evento com grande parte dos professores em uma noite agradável de Quinta-Feira e durante minha fala pude recuperar toda a história da professora na Instituição e enfatizar nossa rápida e espontânea convivência. Leila disse que publicaria um livro cujos textos versariam sobre diversas experiências dela e de pessoas com as quais tivera a oportunidade de conviver. Aqui está um deles.

O vendedor de pães

Faz tempo observei, creio eu, depois de meses, isso porque não sou muito de notar detalhes do cotidiano que fazem alguma diferença em nossas vidas, que havia um senhor vendendo pães feitos em casa na minha esquina sempre por volta das dezoito horas. Em uma mesinha de madeira ele expunha seus pães sobre uma toalha xadrez de vermelho e branco aos pedestres e motoristas que por ali passavam sempre absortos e apressados para a vida e, com a voz rouca e um lustro nos olhos típico de idosos, chamava as pessoas para degustarem um pedacinho. E naquela tarde fui eu que tive a oportunidade. Enquanto experimentava lembrei-me de quão antiga é a história do pão e remotamente de meu professor dizendo que era o alimento dos egípcios há mais de seis mil anos. Significava um certo poder para eles, uma vez que o trigo era difícil de ser encontrado e que só tinham acesso ao pão aqueles que eram mais ricos.

Quando comprei o primeiro, seu Osvaldo, era o nome dele, em um tom protetor e com certa autoridade divina, aquela que só a idade pode nos trazer, disse-me que Deus me abençoaria e que eu iria gostar muito do pão e, portanto, voltaria para comprar mais em outras ocasiões. Fui para casa naquela noite com uma sensação diferente. Algo se rompera dentro de mim. Era um sentimento muito grande de

fecundidade provocado por aquelas palavras de seu Osvaldo e que foram se acomodando em meu peito como se servissem de uma espécie de coberta para meus pensamentos desconectados e apressados pelo cotidiano do trabalho, um descanso mesmo.

Passei a comprar sempre e a ouvir o mesmo desejo daquele homem repetindo que Deus me abençoaria, cada vez com um gesto diferente e que variava desde as mãos apontadas para mim ao entregar-me o pão, até as mãos estendidas para o Céu em uma espécie de agradecimento a Deus. Cada vez que comia aquele pão lembrava-me da tradição dos egípcios e também do sermão bíblico de repreensão e exortação aos judeus. Comia-o com a rica sensação de acalanto e de enternecimento que sentia diante daquele vendedor simples e rústico e com o elevado respeito à partilha em pleno deserto árido e seco da poeira das ruas, um pão da vida.

E há pouco tempo, quando não vi mais seu Osvaldo na equina e me disseram que ele havia morrido, passei a comprar meu pão no mercado e a repetir o ritual de descanso na hora de comê-lo, sempre pensando nas palavras do vendedor. Seu Osvaldo passou, mas os sentimentos são os mesmos. Ainda o vejo e o ouço em minha memória com sabor de pão, com lembranças de sua voz, de seus olhos e de suas mãos. Ainda recordo de meu professor de História falando sobre os egípcios e entendo que todos nós seremos, qualquer dia, aquele vendedor e abençoaremos a vida daqueles que precisam repousar sob palavras de descanso.

Do censo ao bom senso

Todo ano acontece o censo demográfico para contar os habitantes neste território nacional “abençoado por Deus e bonito por natureza”. Este ano não foi diferente. Cheguei em casa e havia um comunicado para que eu ligasse para o celular da recenseadora para marcar um horário e responder àquele questionário costumeiro. Assim o fiz. Uma voz séria atendeu e se apresentou em nome da instituição contratada e logo se apressou em agendar a visita.

Convidei-a para um café. Quem convida, paga. Escolhi um café porque sempre gostei de lugares informais para situações formais. Esses lugares bem decorados e cheios de delícias deixam a conversa mais tranquila e saborosa. Cheguei antes. Pedi um café, uma água e um alguns *petit fours*, bolachinha antiga de origem francesa, século XVII, época dos fornos pequenos e à lenha para assar pão, época das vacas magras, como se diz por aqui.

A moça chegou e com ela sua prancheta de pesquisa e aquele questionário. Não quis nada para comer nem beber. Fui respondendo a cada questão. De vez em quando, eu fazia algumas observações descontraídas sobre minhas respostas para quebrar o gelo e ela esboçava um meio sorriso de canto dos lábios, sem nenhuma outra reação, nem a de bom senso.

Missão dada, missão realizada, foi o que disse ao se despedir com um aperto de mão. Quando se levantou circunspecta, pareceu-me, pelo dever cumprido, tropeçou no pé da cadeira e foi catando cavacos até o balcão onde se segurou, pedindo desculpas de vergonha e, ao mesmo tempo, de nervoso. Eu levantei e fui até lá, ajudei-a a se recompor salvando sua prancheta e meu questionário respondido.

Ela sorriu. Um sorriso, afinal, creio que de bom senso. A frase “aprender no amor ou na dor” não se identifica com revelações divinas ou bíblicas, mas, às vezes serve para repensar sobre as boas coisas que a vida de súbito nos oferece com muito bom senso, ainda que seja um simples cafezinho.

Shakespeare e o dentista

“Está para nascer o homem que suportará a dor de dente com paciência”. Ontem me veio essa reflexão do poeta William Shakespeare quando estava na sala de espera. Ela dava para um jardim de inverno vertical repleto de antúrios e samambaias. No chão do jardim havia algumas violetas e no centro corria um fio de água vindo de um chafarizinho decorativo com anjinhos barrocos.

Tudo muito bem cuidado e bonito de se ver. No alto do jardim um compressor ligado e silencioso sinalizava que na sala do dentista o ar condicionado estava ligado. O próprio ar da sala de espera também estava silencioso e com a temperatura ambiente proporcionando aos clientes um lugar confortável e agradável.

Coloquei um fone de ouvido e comecei a ouvir uma música baixa e relaxante. Uma MPB. Gosto de Música Popular Brasileira ao estilo dos anos noventa. Uma tranquilidade na sala. Clientes lendo revistas, olhando no celular e sem nenhuma pressa. Foi quando a secretária rompeu o silêncio e me chamou.

Entrei na sala climatizada do dentista que, muito cordial, me pediu para sentar na cadeira. Ligou o refletor e logo se apressou em analisar meus dentes. Foi quando o inferno começou. Primeiro o motor do sugador de saliva rompeu o silêncio ressoando o barulho

dentro de minha boca. Em seguida veio o barulho do mortorzinho que, somado ao do sugador, causavam uma estridência esganiçada e vibrante aos ouvidos.

Foi quase meia hora de barulho e o dentista ainda resolveu cantar uma irritante musiquinha que, ao meu ver, parecia ser desses últimos e (aos tantos!) cantores sertanejos universitários. Um misto de ressonância estridente e mau gosto musical fora do comum e longe de qualquer conforto possível da sala de espera.

Quando saí da sala passei pelos clientes que ainda esperavam suas vezes naquele silêncio gostoso e climatizado. Pensei em comentar sobre os mortorzinhos barulhentos, mas lembrei-me de que são ainda melhores do que as dores de dente e que, às vezes, tempos que enfrentar certos barulhos para podermos encontrar um pouco de paz.

Para tudo a tecnologia traz uma solução, parece-me que menos para o barulho dos motorzinhos dos dentistas.

A linguagem da vida

Um corredor de faculdade na hora do intervalo das aulas é um local aventureiro de se estar, para não dizer periclitante. Encontra-se de tudo: aquele estudante que reclama do ventilador, um outro que vem elogiar algum professor, a jovem que pintou o cabelo de azul, um grupinho cheio de malícias até alguém que tem uma história surreal para contar e quer que a gente acredite como se fosse verdade.

Na semana passada foi um pouco diferente. Uma jovem me contou que havia superado suas adversidades no passado por meio da linguagem escrita e que escrevera um livro de poesias. Em cinco minutos me fez um panorama de sua difícil adaptação à vida de adolescente, abriu a bolsa e me presenteou com seu livro de poemas, deu-me um abraço, agradeceu-me por tê-la ouvido e foi-se pelo corredor com sua mochila nas costas.

Ontem consegui terminar de ler o seu livro que, a um ver, por meio de uma linguagem poética carregada de um vocabulário dramático, típico da adolescência, ela deixa transparecer um estilo denso, retratando um largo sofrimento e uma angústia duradoura revelada pela linguagem poética. Um desabafo que reflete sobre essa fase tão bonita e, ao mesmo tempo, tão complexa da vida.

Não é uma linguagem com o intuito de só comunicar acontecimentos e sentimentos subjetivos. Ela consegue interagir com o leitor, que também já foi adolescente, fazendo-o revisitar essa época. Uma linguagem intimista e universal semelhante à dos autores modernistas dos anos 60 e 70 da Literatura Brasileira e que dá à autora uma espécie amadurecimento precoce, creio eu.

Marilena Chauí disse que “a linguagem deve ter sentido, densidade, mistério, curiosidade e admiração, que levam à descoberta do novo, à transformação histórica e à ação consciente dos seres humanos”. Esse livro tem uma linguagem assim e dá a impressão de que foi ela que levou essa jovem da autossobrevivência à ação consciente de escolher a vida como sua melhor opção.

Ouvir, escutar, perguntar e responder

Há pessoas que nos obrigam a parar de fazer o que estamos fazendo apenas para escutá-las. Digo escutar e não ouvir apenas, porque ouvir acontece de uma maneira mais instintiva. E digo obrigam porque se torna mesmo uma obrigação de tão gratificante e importante que passa ser o ato de escutá-las.

Isso não ocorre sempre porque, para que essa espontânea obrigação aconteça, é necessário realmente que elas sejam capazes de prender nossa atenção, fazer com que nos interessemos pelo que dizem e, se for o caso, admirá-las pela capacidade que têm de serem tão inteligentes.

Esta semana ouvi um professor renomado falar sobre tecnologia. Ele chegou com seu jeito calmo, sua voz rouca e sentou-se na poltrona central do evento. Um café e um copo d'água o esperavam sobre a mesinha de centro. Apresentou-se, falou um pouco de sua experiência e começou sua exposição.

Não falou de máquinas, nem de equipamentos, nem de matérias, nem de aparelhos de mídia. Começou falando de como um átomo deu origem a outro átomo e historicizou a trajetória do conhecimento até os dias atuais. Sobre cada época passada, elucidou

como as culturas acadêmicas das ideias nas universidades e nas faculdades vêm se articulando à vida material da sociedade.

O conhecimento, o conhecimento pertinente, aquele que é aprendido para ser aplicado, os métodos da produção do conhecimento, as metodologias variadas de pesquisa e investigação, os procedimentos de análise, as técnicas do trabalho de campo, as ferramentas de aplicabilidades e as formas pelas quais os problemas do mundo podem ser equacionados ou resolvidos. A tudo isso, sim, ele chamou de tecnologia: a forma de fazer, de construir, o percurso que usamos para aplicar o conhecimento até resultar no que são as máquinas, os equipamentos, os materiais e os aparelhos tecnológicos, segundo ele.

Encerrou sua fala em quarenta minutos. Nesse tempo não se ouviu nem mesmo um zumbido de mosquito na sala. Todos o acompanhavam atentos, esperando a hora das perguntas. E aconteceu. Mas poucas foram feitas e todas respondidas. O interessante é que no final de suas respostas ele apresentava uma outra pergunta a quem perguntou e maior era o silêncio, porque perguntas inteligentes merecem respostas inteligentes.

Lévi-Strauss afirmou em sua obra que o verdadeiro cientista não é aquele que dá respostas certas, mas o que faz perguntas certas. Ouvir, escutar, perguntar e responder são realmente atividades bem distintas e têm suas horas certas para acontecer...

Gente fina é outra coisa

Manter a boa educação nesses tempos de agressividade generalizada é uma característica de comportamento a ser muito admirada. Aliás, boa educação neste País só mesmo com muito esforço e persistência daqueles que ainda acreditam que ela pode ser a salvação da pátria como foi e continua sendo, de fato, em alguns outros raros países chamados de primeiro mundo.

O porteiro do meu prédio é assim. Faz questão de abrir e fechar o portão para as senhorinhas do prédio, brincar com os cachorrinhos dos moradores, fazendo neles um carinho dócil e agradando-os com palavrinhas no diminutivo. Sempre que me vê pergunta sobre minha gatinha, a Nina, sobre minha profissão – sabe que sou professor – e sobre os desdobramentos da malfadada política atual. Está sempre a esperar – como dizia Paulo Freire – que a Educação Brasileira avance rumo ao progresso dos chamados países do primeiro mundo.

E foi na manhã do dia em que aconteceu que ele perdeu sua compostura amiga e falou poucas e boas para um morador já de idade avançada, que o desafiou em sua boa educação, duvidando de sua palavra e colocando à prova a sua honestidade. Explico. A correspondência contendo um cartão de crédito desse morador não

chegou até o escaninho de seu apartamento. O mal estava feito. Por um lado, o militar aposentado reclamando de seu cartão, por outro o porteiro se sentido agredido em sua essência humana.

O morador esbravejava, praguejava, dizendo impropérios e ainda ameaçou abrir um boletim de ocorrência. O porteiro retrucava, defendia-se e, ao mesmo tempo, também afrontava aquele homem raivoso, avermelhado pelo nervoso e sem controle de suas palavras. A polícia foi chamada. Os homens chegaram e foram colhendo informações. Copos de água com açúcar eram servidos pelas senhorinhas do “deixa disso”. Até que o filho do militar chegou e resolveu o caso, intervindo que o cartão estava com ele. Esquecera de avisar o pai.

Os moradores foram saindo de cabeça baixa, encabulados pela lição do destino. O agora bisonho militar pedira desculpas em um gesto de aperto de mão. O porteiro aceitou e levou três tapinhas nas costas, tapinhas que indicavam um acovardado pedido de reconciliação e um brilhante, humilde e fino aceite de desculpas.

Não vi mais o estranho militar, mas o porteiro continua firme e forte em seus afazeres. Na última vez que o encontrei, disse-me do alto de sua sabedoria “só de experiências feita”, como dizia Camões, que o Brasil anda acometido de gente que “come chuchu e arrota peru” e que isso só pode ser resultado de nossos exemplos políticos.

Ontem me lembrei de suas palavras durante o debate (se assim se pode dizer) dos políticos na TV Globo. Na Educação se diz que o ponto de partida para se ensinar é dar exemplos. O porteiro estava com a razão: este triste País ainda tem muito o que aprender.

Na Padaria

Minha mãe sempre ensinou aos seus filhos que não se deve deixar comida no prato. Cedo aprendi a pegar pouca comida e, se a fome persistisse, a repetir.

Não foi o caso que vi hoje naquela padaria. Em um *café self service* dois garotos de uns seis ou sete anos cada um encheram seus pratos de pães, bacon, bolos, carolinas, bombons e outras guloseimas à vontade.

Comeram o mínimo porque começou um desenho animado na TV e eles se entretiveram, assistindo-o. A mãe estava mais preocupada em cobrar o marido de sua presença mais assídua em casa e o pai, em passar a manteiga no pão com uma lentidão quase irritante.

Pegaram a comida e se dirigiram ao caixa. A comida ficou ali nos pratos. Ainda pude ver alguns docinhos mordidos, bacons inteiros e pedacinhos de bolo pelo chão. Sobras nos copos com pedaços de guardanapos de papel boiando nos sucos. De longe ainda avistei aqueles dois meninos no caixa a pegarem balas e chicletes e a colocarem nos bolsos para mais tarde. A mãe e o pai se preocupando com a menorzinha que estava no colo dormindo feito um anjinho.

Sai da padaria com uma sensação de impotência de não ter falado com eles sobre o desperdício. Lembra-los da linha da fome neste triste País em que estamos e das crianças que, logo um pouco mais à esquina, pediam esmolas para os motoristas. Sou mais comedido. Se fosse minha mãe, teriam levado uma traulitada à moda antiga, daquela que fazia a gente dormir de olhos abertos.

Andando de volta pela calçada, ainda tive tempo de parafrasear Machado de Assis para mim mesmo: mudaram-se as pessoas e eu não mudei?

Nina e a frágil Esmeralda

Levar Nina para cortar as unhas é sempre uma saga difícil e trabalhosa. Não é uma gatinha que gosta de colo ou de carinhos e afetos que a apertam e exijam dela uma certa paciência de ficar quieta por muito tempo. Tem, como diria Fernando Pessoa, um desassossego que lhe é peculiar. No máximo, aceita carinhos quando se deita em alguma poltrona e se vira de barriguinha para cima querendo chamar minha atenção para algo de seu interesse.

Quando o assunto são brincadeiras de pega-pega e de correrias agitadas pelos corredores, essas que exigem certo fôlego e muita habilidade nos movimentos, é com ela mesma. Estica o rabo e o pescoço, levanta as orelhinhas subindo e descendo as escadas e indo parar na sacada atrás dos passarinhos vespertinos, como se fosse a própria dona da casa.

Fica muito irritada com essa história de ter que cortar as unhas e me dá um trabalho danado para pegá-la e coloca-la na caixinha de transporte.

E foi naquela tarde que a levei ao japonês, o seu veterinário. Quando lá chegou, nem parecia a mesma. Apaixonadíssima por ele (e ele por ela), deitou-se para ele fazer o serviço e ele ainda lhe ofereceu alguns petiscos de frangos, os seus preferidos e, claro, não

deu trabalho nenhum. Muito pelo contrário, sequer rosnou ou unho-o, fazendo carinha de santa.

Quando voltamos para casa, abri a caixinha, ela saiu. Não percebi que deixei a porta da sala do apartamento aberta e a Esmeralda, a cachorrinha branca da vizinha, entrou toda brincalhona e com uma maria-chiquinha verde na orelha, deu dois latidinhos felizes para Nina como se a estivesse chamando para brincar também.

Nina, já tomada novamente por seu espírito de dona da casa e seu peculiar desassossego, saiu atrás da cachorrinha dando-lhe tapas na cabeça e investindo-se contra ela. A cachorra se assustou e correu de volta para seu apartamento. Nina, não contente, entrou na sala da vizinha e ainda a vi dar uns tapas no dorso da coitada, que foi salva por sua dona pegando-a no colo. Nina voltou, subiu as escadas correndo, rabo esticado, orelhas em pé.

Pedi desculpas ainda envergonhado pelo dantesco episódio. A mulher fechou a porta com um sorriso sem graça e de meia boca. Também fechei a porta, mas sem sorrisos. Guardei a caixinha de Nina e, ainda sem saber direito o que fazer, fui encontrá-la deitada na sacada, como se nada, mas nada mesmo, tivesse acontecido.

O self-service de cada dia

A cultura do *self* chegou para ficar. Quando abrimos os canais de televisão, temos à disposição uma infinidade de atrações atendendo aos gostos mais variados e ecléticos que possam exigir. Desde filmes de terror sanguinário até desenhos infantis sem nenhuma pretensão de agradar. Na internet então os usuários se sentem donos de posicionamentos individuais nada originados de pessoais, mas que são defendidos como se fossem. Apertar o botão e escolher a gosto está na crista da onda.

Segundo alguns psicólogos, o *self* se define pela consciência de que alguém é único e se diferencia dos outros, ou se pretende diferenciar, o que envolve a representação mental de experiências pessoais únicas e egocêntricas.

Pois é. E foi ontem em um restaurante *self-service* que acompanhei de perto uma moça. Corpo atlético, roupa fitness, cabelos presos e toda maquiada. Ela estava na minha frente na fila do almoço, um pouco inquieta com a demora das pessoas em comporem seus pratos diante daquela diversidade de comida.

Até que chegou sua vez de se esbaldar. Quando então pegou o prato, começou também a analisar cada alimento no pegador de comida. A princípio foi uma folha de alface verdinha que devolveu à

baixela, depois foi a única azeitona verde que colocou no prato, escolhendo a mais redondinha de todas, logo em seguida analisou o palmito cortado em rodela, pegou um, o menor. Deu a volta e começou a montar o prato quente. Alguns ovinhos de codorna cozidos, os menores também. Um pouquinho de sal, que demorou para sair do saleiro por algum motivo. Até que chegou nas carnes. Revirou os filés de frango umas duas ou três vezes tentando localizar aquele que mais a apeteceu, enquanto a fila crescia observando-a.

Tentei dar a volta pelo outro lado, mas havia um colar de correntes coloridas feito para aquela única fila, aquele fluxo, aquele caminho que me fizera, por uns dez minutos, esperar atrás da esportista. A fila crescia e meu mau humor também.

Até que consegui pesar meu prato e almoçar. Quando me levantei para pagar, lá estava ela no caixa, escolhendo alguns chicletinhos *lights*. Esperei aquele momento solene acabar e paguei minha conta. Sai do restaurante pensando que o autosserviço é realmente uma ideia brilhante, mas haja paciência para os exclusivismos que ele produz.

O celular nosso de cada dia

Dia dois de Outubro fui votar. Uma escola pequena, sem muitas salas, mas filas grandes. Cheguei às 7h35min e já tinham umas vinte pessoas.

Na extensa fila as mais diversificadas das gentes. À minha frente uma senhora no celular reclamava da carestia dos alimentos no supermercado e um senhor de camisa da seleção brasileira respondia algo em seu *WhatsApp*. Um rapaz com sua bicicleta puxava assunto comigo sobre o tempo, olhando a previsão meteorológica no celular e uma outra senhora acabava também respondendo ao que ele falava, tirando fotos com o celular de um lindo *flamboyant* na calçada. O meu estava no bolso, mas em um alto falante do fone de ouvido eu ouvia *Bee Gees*, um conjunto dos anos 80, época em que ainda não havia celulares. Com o outro ouvido eu os ouvia mecanicamente, sem escuta-los direito.

Passaram carros esticando bandeiras de políticos. O portão abriu às 8 h.

Fui para a sala. Outra fila. Uma moça apressou-se em dizer que não se poderia votar com o celular. Todos da fila fizeram cara de que comeram e não gostaram.

O celular faz parte da vida, se não do corpo, da mente. É como um braço ou um olho a mais, um adendo sensorial, quem sabe um sétimo sentido ou uma inteligência substituta de nossa limitada inteligência humana.

Votei. Recolhi meu celular e saí.

Ainda no portão pude ver muitos santinhos espalhados na calçada, a fila se avolumando cada vez mais e a maioria das pessoas quietas, atentas aos seus celulares.

Coloquei os dois fones de ouvido, liguei novamente a música e voltei para casa com meu celular, essa nova e estranha forma de linguagem dos homens.

Os seca-pimenteiras

Dizem que tem gente que é capaz mesmo de atrapalhar suas férias e que não é bom avisar algumas pessoas que vamos viajar. Logo o Sol se esconde, o tempo se fecha, as nuvens ficam mais cinzas e o vento acaba trazendo chuva. Conheço alguém assim, sempre à espera de uma notícia de viagem para fazer seus comentários sobre previsão de tempo.

Uma previsão que fez foi precisa. Falou até em ventos acima de oitenta quilômetros por hora. O grupo que viajou comentou, depois que voltou da praia, que o vento na descida da serra parecia que iria tirar o carro da pista. Choveu a cântaros e nenhum dia de mar pode ser aproveitado naquela viagem. Até choque elétrico no chuveiro da pousada um dos viajantes levou. E na volta ainda pegaram um alagamento do Rio Tietê que paralisou o trânsito por três horas a mais.

Da outra vez disse que não era bom viajar à noite pelas estradas de Santos. Dito e feito. O carro furou o pneu e uma neblina impedia a visão dos viajantes para pedirem ajuda. Um quase foi atropelado e a outra ainda pisou em um caco de vidro na pista. Levou três pontos no hospital mais próximo depois de esperar um bom tempo por socorro. Os pontos infeccionaram alguns dias mais tarde.

Ontem mesmo essa pessoa me contou que seu vizinho de sessenta anos vai viajar para a Austrália daqui quinze dias para visitar o filho, a nora e os netos que lá trabalham e estudam. Porém no fim de semana o saudoso avô foi passear de bicicleta, caiu e quebrou os dois (pasmem!) braços. Não sabia dizer se ele insistiria naquela viagem, já que está agora imobilizado pela tala gessada.

Diante dessas pessoas, disse-me uma vez uma leitora de búzios, que a melhor coisa é fazer cara de paisagem. Fingir que de nada sabemos, assim evitamos a possibilidade de que qualquer mau olhado (se é que ele existe) recaía sobre nós e, se não a evitamos, pelo menos tentamos retardá-la.

No parque

É quase impossível caminhar pela manhã no parque e não se deparar com duas senhorinhas fazendo seus exercícios físicos e conversando sobre a vida alheia. Naquela manhã não foi diferente. A minha frente elas andavam depressa e eu as ouvia conversar porque, ofegantes, tentavam falar alto para serem ouvidas mutuamente.

Eliane Rodriguez, uma antiga e querida conhecida dos anos oitenta, sempre perguntava (e ela mesma rendia) nas rodinhas de amigos quando eu fiz minha segunda faculdade: O que a vida, a fofoqueira e o mar têm em comum? Os três são leva e traz.

A conversa era sobre uma tal de vizinha que lavava a calçada todo dia às dezoito horas. Elas comentavam que era proibido ficar lavando calçadas em tempo de seca e de racionamento. Uma delas até comentou que ela fora denunciada uma vez na prefeitura, mas que não deu em nada. A outra aproveitou e completou que a mulher, além de uma desperdiçadora, era uma fofoqueira de mão cheia.

Segundo ela, a mulher da calçada não perdoava ninguém. Para ela ninguém prestava e nada poderia ser pior do que as próprias pessoas e, por isso mesmo, vivia sozinha, abandonada pelo filho e pela nora que moravam na cidade grande. Vinham de vez em quando, mas ficavam pouco e logo voltavam para lá.

O seu gato, o Arthur, era o único a tolerava. Também gatos não falam e, portanto, não reclamam. Disse uma delas que até o gato já andou fugindo pela vizinhança e que ela foi busca-lo escondido na casa de uma outra vizinha que sempre o alimentava também. Não deu outra. A mulher perdeu amizade com essa vizinha, acusando-a de ter roubado o seu Arthur de estimação.

Eu ouvia as duas claramente, dado o volume e a intensidade de suas vozes. Seguiu quieto observando a paisagem, mas ouvindo a conversa. E foi naquele momento que aconteceu. Uma delas tropeçou em uma pedra, catou cavaco pela trilha de caminhada e foi se escarrapachar na grama molhada. A outra, assustada e sem saber direito o que fazer, foi salvá-la, ajudando-a a se levantar. Eu também fui.

Ajudamo-la a se erguer e a sentar-se em um banco de praça que havia por ali. Ela se recompôs, agradecendo-nos. Descontraindo-se, a outra disse que isso sempre acontecia com quem falava dos outros. Ela gargalhou, assumindo a verdade daquela fala e ainda acrescentando que Deus sempre castiga quem faz fofoca.

Eu me despedi e uma delas ainda me chamou para alertar de que, mesmo com o tombo e com o castigo divino daquele dia, amanhã seria mais um lindo dia para caminhar no parque e falar mal da vida alheira. Como se diz por aí, segue o baile...

O dia do professor

Outubro é conhecido como o mês dos professores e das bruxas. Acalmem-se! Nada de relações antecipadas. Esse mês é, primeiramente, lembrado como o dos professores e das professoras, esses profissionais tão essenciais como necessários para a vida de cada um de nós. Essenciais porque nos ensinam assuntos ligados ao mundo da ciência e da tecnologia e necessários porque também nos ensinam a ser melhores a cada dia e a querer que o mundo também melhore conosco.

Tive professores maravilhosos. Lembro-me da dona Belkis, uma senhora que me olhava e me tratava com tanto carinho durante as aulas da terceira série fundamental que eu, ao sair de casa para a escola, não via a hora de chegar à sala de aula para poder aprender com ela a ler os livros daquelas histórias fantásticas que ela escolhia para prender a atenção de seus alunos. A minha ela prendia por ela e pelas histórias que não tinham fim. Quando fui aprovado para a quarta série, fiquei triste durante um tempo.

O Ganymédes José, escritor e professor, também me encantava com suas aulas. Eu o olhava e ficava pensando se um dia eu chegaria a ser tão inteligente e querido como ele. Às vezes me voluntariava a levar seus livros até a biblioteca só para poder sentir o

gosto de ser útil a tudo de bom que ele proporcionava àquela turma de ensino médio que, ansiosa, sempre o esperava por à porta da sala de aula.

No ensino superior tive professores renomados, conhecidos na pesquisa, queridos no meio acadêmico, cujas aulas eram muito intensas e eu precisava gravar, em alguns casos, para poder estudar com mais tempo em casa. Adorava esse exercício, admirava-os em suas sabedorias e didáticas. Foram pessoas de monstruosa importância na minha vida.

Na pós-graduação, outros renomes me orientaram. Lembro-me da Dulcinha a explicar-nos seus seminários avançados e a nos emprestar livros. Íamos buscar no carro dela que mais o parecia uma biblioteca itinerante.

Sou professor. Creio que tenho feito também a diferença na vida de muita gente, diferença que esse profissional consegue fazer e muitas vezes sem querer. Antônio Nóvoa diz que professor é um artesão, tem sua oficina própria e estende suas mãos a construir um ser humano cujas formas vão se moldando ao longo do tempo e se resultam em um trabalho concreto, visível e sentido.

Não sei se as bruxas conseguem fazer tudo isso. Mas logo no final do mês, elas aparecem e tomam conta da festa de Outubro.

Quem sabe de Margarida?

Mais uma vez a encontrei naquele supermercado repleto de gente, cheia de dificuldades para colocar suas compras naquelas difíceis e frágeis sacolinhas plásticas que, afinal, acabam servindo também para abrigarem o interminável lixo caseiro. A fila parecia impaciente.

Desta vez fiquei sabendo o seu nome. Até a moça do caixa já sabia. Margarida é ele: nome de flor originária da Europa e que recebe comumente outros nomes mais populares também no Brasil. Uma flor que representa as donzelas cheias de beleza e saúde. Definições essas que contrastam um pouco com ela, andrajosa, maltrapilha e maltratada aparentemente pela vida.

Teve dificuldades em desviar das pessoas no mercado, em andar até a porta e em segurar com mãos firmes as sacolas cheias de compras. Suas mãos tremiam. No rosto a idade denunciante de uma velhice estampada com vestígios de sofrimento e abandono.

Antes de sair ainda teve o cuidado de guardar a cestinha em seu devido lugar e de cumprimentar gentilmente a funcionária que a ajudou. Sozinha atravessou a porta e sumiu-se pela rua ensolarada daquele Domingo.

A caixa ainda me disse que poucos sabiam dela e que estava sempre só e doente. Parece que sem família.

Encontrei-a algumas vezes na mesma situação por ali. Mas hoje sei ao menos o seu nome e algumas informações que a moça gentilmente me deu ao cobrar minhas compras.

Gabriel Garcia Márquez disse um dia que “o segredo de uma velhice consiste apenas na assinatura de um honroso pacto com a solidão”. Dona Margarida, segundo a mesma caixa, é exemplo disso há muito tempo e talvez viva agradavelmente seu pacto honroso ou talvez à espera de que o lento tempo passe à revelia por seus dias e a conduza ao sono no abandono final das cruces...

A borboleta azul

Entrou pela janela da cozinha e aconchegou-se no lençol já seco no varal da área de serviços, lençol branco, cheiroso e lavado com cuidado por Cristiane, a diarista.

Quando fui recolhe-lo para colocá-lo para passar, ela se assustou e voou até a sanca de luz da sala de jantar. Acomodou-se lá durante alguns minutos. Deixei a porta da sacada aberta e com muito cuidado esperei para que ela pudesse sair voando para o livre infinito das borboletas.

Ela resistiu em sair e voou até o espelho mais próximo. Uma imagem muito linda. Suas duas asas azuis combinando com a moldura também azul do espelho davam a nítida visão de um quadro pintado por algum antigo artista, daqueles mais realistas. Não havia nada de impressionismo. Tudo muito claro e objetivo. O nome do quadro seria mesmo *A Borboleta no Espelho*.

De novo, cuidadosamente, aproximei-me dela pelo lado oposto da sacada na tentativa de conduzir seu voo para fora. Ela logo me viu e voou lentamente até a cortina e então, delicada como pluma, sentou-se nela.

Já estava bem próxima à sacada e, portanto, a seu livre destino de borboleta, o qual por meio de um brilhante voo seguiria feliz sem mais ninguém para importuná-la.

E foi naquele exato momento em que eu iria balançar devagar a cortina que, repentinamente, mas instantaneamente mesmo, vi aquele vulto preto pular, quase em um voo também, do topo mais alto da escada e como se tivesse estudado milimetricamente seu alvo, agarrar a borboleta azul, abocanha-la e destruí-la em dois pedaços.

Era Nina, minha gata sialata, mistura de siamesa com viralata. Que tristeza me deu não poder salvar aquela borboleta e ainda ter que prender novamente a cortina no lugar, arrumar o vaso derrubado pelo pulo e limpar os restos mortais e azuis daquele lindo inseto.

Nina, com sua heroica sensação de dona da casa e de dever cumprido, ainda teve tempo e prazer de me fazer alguns carinhos na panturrilha roçando-a várias vezes e miando, como se tivesse me salvado do dragão Ancalagon do livro O Senhor dos Anéis...

No cinema

O bom de ser professor é também o fato de que sempre encontrarmos nossos ex-alunos por aí. Um outro dia encontrei um.

O cinema estava cheio e eu naquele escurinho gostoso e aconchegante do ar condicionado e da poltrona confortável. Luz da tela clara em meu rosto e eu ansioso para assistir ao filme mais novo de suspense produzido pela MGM - Metro.

Ele chegou devagar na escuridão do cinema. Sentou-se na fileira atrás da minha e, delicadamente, cutucou-me duas ou três vezes com o indicador da mão direita. Olhei para trás.

Era um homem de uns quarenta anos, barbudo e com olhos vivos de surpresa. Foi quando começou a nossa conversa.

Disse-me que estava feliz em me ver ali. E eu respondi que gostava muito de filmes de suspense.

Quase perdi o início do filme depois que ele me disse que fui eu um dos responsáveis por seu gosto por leitura de textos do gênero literário de suspense e de terror.

Realmente. Em minha trajetória professoral sempre destaquei Agatha Christie, Edgard Allan Poe e Lygia Fagundes Telles, enfatizando seus textos mais insólitos possíveis, aqueles cuja nossa

compreensão de mundo não consegue dar conta de interpretar os fatos. Ou seja, é preciso extrapolar os limites do real.

Ainda o ouvi dizer à esposa, à qual me apresentou ao sair do cinema mais tarde, que eu fui seu professor, oferecendo-me ainda um saquinho de pipocas.

Uma vez li em um algum texto de Paulo Freire que o professor pode influenciar até na autonomia de seus alunos. Acrescento humildemente à ideia desse grande e imortal filósofo e educador que o professor pode ser também alguém que gosta e que, portanto, pode fazer gostar...

De mãos dadas

Naquele dia cheguei bem mais cedo ao aeroporto do que estava previsto, ocorreram tantos acasos que me fizeram chegar antecipadamente. Fiquei até com medo de me atrasar e perder o avião. Parei em um café e sentei-me a uma mesinha no canto com uma xícara de café e um pão de queijo.

Dali pude observar as pessoas que passavam. Vi de tudo, desde aquelas solitárias e mais apressadas, aparentando irem para alguma reunião de negócios até aquele casal de velhinhos que se sentou ao meu lado.

Pediram também café e pão de queijo. A garçonete os serviu também rapidamente e foi-se a seus afazeres diários. Os dois bebiam o café e comiam o pão com apenas uma mão cada. Pude ver por baixo da mesa que suas outras mãos estavam dadas, a dele segurando a dela e vice-versa.

Conversavam com os rostos bem próximos, sorriam um para o outro. Ela falava mais do que ele, que se limitava muitas vezes a rir calmamente do que ouvia e a balançar a cabeça como se reprovasse alguma coisa.

Pediram-me para que tirasse uma foto deles e assim o fiz. Calculei o melhor ângulo, eliminei os excessos da cena, focalizei bem

os dois na parte central da máquina e tirei algumas a mais, caso não gostassem do que veriam.

Agradeceram-me e passaram a olhar as fotos uma a uma. Mais uma vez, com apenas uma mão cada, conseguiam comer, beber e olhar calmamente as fotos. Davam risadas quando as viam, achando perfeições e imperfeições em si mesmos. Ela até chegou a se comparar com uma famosa atriz italiana. Pagaram a conta, levantaram-se e de mãos dadas seguiram para o embarque. Com as outras mãos seguravam agora suas malas de rodinhas.

Levantei-me apressado e paguei minha conta, passei pelo *check in* e segui até o embarque. O ritmo frenético dos passageiros continuava. Pessoas sempre com pressa e atentas as suas próprias obrigações.

Quando me acomodei na poltrona no fundo do avião, pude ver duas mãos dadas nas poltronas da frente. Eram eles novamente, só que dessa vez com fones de ouvidos, absortos e tranquilos ouvindo suas melodias prediletas.

Logo pensei em Drummond, mas aqueles dois estavam tão felizes e nutriam grandes esperanças. Para eles o presente era tão grande e não os afastava, iam sim de mãos dadas, diferente de mim e dos demais que pude ver no aeroporto naquele dia.

Um caso sério

E ao chegar no Rio de Janeiro naquele mês consegui pegar um taxi no próprio aeroporto. O taxista era um senhor de uns sessenta e cinco anos e, segundo o próprio, quarenta de experiência na profissão. Já ouvi por aí que, geralmente, o passageiro encontra no taxista um ouvido amigo para desabafar um pouco, contar seus problemas na viagem e falar de besteiras cotidianas.

Com aquele homem foi diferente. Comecei a falar sobre a viagem e ele me cortou bruscamente. Em seguida disparou a falar de seus problemas pessoais com sua esposa, a fazer avaliações da comida que ela preparava há mais de trinta anos, a contar seus percalços como taxista, principalmente aqueles relacionados a assaltos os quais sofreu no volante.

Em sua fala não havia pausas, vírgulas nem pontos finais. Ele conseguia dar início a diversos assuntos ao mesmo tempo sem absolutamente terminar nenhum deles. Sua ansiedade em falar era tanta que gesticulava com as mãos, fazendo diversos movimentos que davam a impressão de que ele regia uma grande orquestra sinfônica. Quanto mais eu intervia em sua fala, mais ele falava e gesticulava. De sua boca, às vezes, escapavam gostas de cuspe, as quais ele limpava com a própria mão e continuava em seu ritmo frenético de

fala e de gestos a querer chamar minha atenção para algum assunto a mais.

Fui ficando zozzo. Já próximo ao bairro de Copacabana encostei minha cabeça no vidro do carro e tentei relaxar. Impossível. Sua voz entrava em meus ouvidos como uma serra elétrica e atingia meu cérebro causando uma confusão imensa em meus pensamentos já fora de ordem. Ao ouvi-lo sem escutá-lo, lembrei-me das maritacas que logo pela manhã tagarelam em minha janela quase todo dia.

Paguei a viagem e, antes de descer, ele ainda agradeceu e se dispôs a me levar de volta ao Galeão por ocasião do meu retorno, deixando seu cartão com telefone e dizendo que faria um precinho camarada porque eu era gente boa.

Uma vez li em um texto de Dartagnan Zanela que a manifestação mais cabal do desespero de uma pessoa cuja a alma está se esvaziando é a tagarelice incessante. Para muitas essa é a única forma de conseguir escamotear essa decadente situação. Essas pessoas imaginam que falando sem cessar irão disfarçar o nada que sobrou no âmago de seu ser. Outra vez ouvi uma antiga e saudosa professora minha dizer que tem gente tão egocêntrica que deve sentir orgasmo ao ouvir a própria voz.

Não sei qual é o caso, mas que é sério, é sério...

Os cara é foda

Há um tempo li uma crítica de gente desavisada que um livro didático, trazendo a discussão sobre as diferenças entre fala informal e escrita formal na Língua Portuguesa do Brasil, ao afirmar que é possível existir a fala: “Os livro custa caro”, incentivava o leitor ao erro.

Na semana passada, sem ter acesso a esse mesmo livro didático, creio eu, a balconista da padaria me disse que “os pão menorzinho estava em promoção”. Ouvi e comprei-os mais baratos. Aproveitei a promoção sem absolutamente nenhum problema de comunicação.

No início desta semana meu dentista, já pós-graduado e também sem acesso ao tal livro, e isso tenho certeza, ao comentar sobre as *fakes news* políticas produzidas por determinados candidatos, disse-me em bom tom que “os cara é foda”. Demos risada porque entendemos perfeitamente a mensagem da comunicação.

Hoje, em conversa com uma amiga pós-graduada na área da Linguística, soltei a seguinte fala: “nóis capota mais num breca”, expressão muito falada (e escrita) no mundo de caminhoneiros. Ela riu e disse que era verdade, “num breca mesmo”. Comunicação concluída com sucesso.

Ultimamente parece que nem ensinar as diferenças entre fala informal e escrita formal o professor e o livro didático têm autonomia. Tem sempre uns “cara” querendo avaliar e regular aquilo que é próprio da Língua e que nem eles mesmos conseguem seguir (ou nem sabem que existe).

Esses “cara, sim, é foda”.

Aulas quase divertidas

Há um tempo uma aluna me parou para dizer que seria muito bom se professores dessem aulas mais divertidas. Isso significou para mim que as aulas já são divertidas por natureza, ela só queria que fossem um pouco mais.

Há tempos estive na Rodovia dos Bandeirantes em um parque de diversões temático e com alguns brinquedos divertidos, mas nem todos. Uns muito sem graça.

Andei em montanha russa, elevador panorâmico, brinquedos que giravam até deixar zozzo. Enfrentei filas homéricas para poder me divertir embaixo de um sol vespertino e escaldante e com uma garrafinha de água de meio litro ao preço de oito reais.

Fiquei umas quatro horas lá no parque, tempo exato de um período de aulas. Consegui andar em cinco brinquedos, o resto era fila para enfrentar e calor para suportar.

Olhei bem para aquela inocente aluna com olhos vibrantes e uma vontade imensa de reclamar da vida e contei a ela minha infeliz e quase divertida experiência naquele parque.

Aproveitei a oportunidade e lembrei-a de que o aprendizado não é só prazeroso, é uma construção lenta, meticulosa e sobretudo

dolorida porque, muitas vezes, nos faz abrir mão da própria vida social nos fins de semana.

Ela se foi retrucando algo que não ouvi direito (ou nem quis ouvir). Ainda teve tempo de olhar para trás e me encarar com seus olhos azuis visivelmente decepcionados.

Eu deveria ter ainda citado Paulo Freire para ela, quando ele disse que “a sala de aula é um lugar mágico para aqueles que realmente gostam de aprender”, mas não deu tempo. Gostar de aprender requer disciplina, calma, seriedade e vontade.

Voltei a meus afazeres também quase divertidos...

Ao amanhecer

Todas as pessoas devem ter costumeiramente os seus encontros especiais com alguém ou alguma coisa quando acordam pela manhã. Umas com quem dormem juntas, outras com seus bichinhos de estimação, outras, ainda, com Deus.

Mas o encontro daquele policial militar é diferente. Todas as manhãs, feito um despertador pontual às sete e meia, ele se encontra com seu eficiente e barulhento vaporizador de água, o tão famoso *vap*.

Pacientemente lava o quintal da delegacia onde trabalha e onde os cachorros arruaceiros passam a noite soltos, fazendo suas necessidades em todos os cantos. Depois de todo o quintal ele lava a calçada. O barulho me diz sempre que já está na hora de me encontrar com meu café forte.

Um barulho do qual os vizinhos mais revoltados já reclamaram, mas nada foi mudado, continua sempre o mesmo e na mesma hora.

Parece que o militar já se acostumou ao *vap*, apegou-se a ele e o encontra com prazer todas as manhãs como se fosse parte de seu acordar, do seu encontrar, do seu viver.

“Uns gostam dos olhos, outros, da ramela”. Lembro-me de minha saudosa e querida mãe ao se referir ao mau gosto musical de uma vizinha.

Eu gosto muito de, ao meu jeito, me encontrar com Deus pela manhã e preferencialmente em um silêncio quase sepulcral. O *vap* e o militar até me autorizam a fazer isso, mas só até o fatídico horário das sete e meia.

Depois disso, como dizem por aí, nem mesmo Deus na causa...

Bom fim de semana ou bom final de semana

Está em modinha cibernética alguém sempre postar “sextou”. Logo pela manhã da Sexta-Feira já é possível ler essa mensagem espalhada pelas redes sociais. Isso depois de uma semana tribulada e cheia de compromissos profissionais e outros que aparecem do nada para comprometerem nossas tão suadas e efêmeras vinte quatro do dia e nossas cento e sessenta e oito horas semanais.

O dia de Sexta-Feira passa e logo mais ao entardecer começa aquilo que todos nós e convencionalmente chamamos de fim de semana ou final de semana. A noite cai e com ela vem a sensação de leveza para alguns, de liberdade para outros, de tranquilidade para muitos e de sossego para a maioria.

Pela lógica o fim de semana começa exatamente aí nessa transição, nesse momento prazeroso da Sexta-Feira causado pelo lusco-fusco, pelo crepúsculo do “ouro fulvo”, como dizia Olavo Bilac, a cobrir as velhas casas (e as novas também!) e vai se estender até o último minuto do Sábado, o verdadeiro final de semana. Um momento também, para muitos, de alegria, comemorações e festas, trocas de carinho, amores possíveis.

Domingo é o primeiro dia da semana. Não é mais fim ou final de semana, mas a maioria das pessoas está em casa descansando da

Sexta-Feira e do Sábado e, portanto, descansando do fim e do final de semana.

Assim o fim de semana se limita a Sexta e o final a Sábado, porque semanticamente fim é a designação daquilo que está caminhando para o final e, portanto, final designa término, que constitui o último ponto, o extremo, o derradeiro, segundo o dicionário *Oxford Languages*.

“Sextou” passa a ser então a designação do início do fim, “sabadou” passa a ser o final e “domingou” passa a ser o início do começo, o da semana, claro!

Se queremos desejar que as pessoas tenham uma Sexta, um Sábado e um Domingo muito bons, devemos desejar que elas tenham um bom fim de semana. Primeiro porque assim contemplamos semanticamente a Sexta-Feira e o Sábado e, culturalmente, o Domingo também. Mas isso não quer dizer que não podemos desejar bom final de semana querendo incluir a Sexta-Feira como início do final e o Domingo como o último ponto, o final, o derradeiro.

Essa é a nossa Língua Portuguesa do Brasil. Nós a falamos, a inventamos reinventamos e essa cultura também cria convenções e costumes. É ela que determina o quê e como o dicionário vai normatizar a Língua e não ao inverso, como muita gente ingenuamente ainda acredita e defende.

Boa semana a todos, todas e todxs...

O dia dos mortos

Finados vem do latim que significa finalizar, encerrar. Acho bonita a palavra, mas não entendo que seu significado possa dar conta do mistério que envolve a morte e seus desdobramentos seguintes. Até é compreensível que, quando se morre, finaliza-se um ciclo da vida, um ciclo memorável para aqueles que ficam com as recordações de quem se vai.

E se essas recordações de um passado memorável diminuem a força do significado original da palavra, finados deixa de ser somente finalizar, encerrar, a ela se agrega também os sentidos de lembrar, recordar.

Além disso, desse passado de recordações memoráveis, há também uma futuridade misteriosa na passagem da vida para a morte, mistérios discutidos ao longo da história da humanidade, das crenças, das religiões, ou seja, o sentido da palavra também se altera quando pensada nessa futuridade que, muitas vezes, escapam de nossa interpretação material. Assim, o dia de finados, ao meu ver, deveria se chamar o dia dos mortos.

Dia dos mortos nos remeteria sim à finalização e ao encerramento da vida e, também, ao momento exato da morte, sem

muita interferência de passado ou de futuro, mas funcionando no sentido presente e material da língua.

Dia dos mortos também estaria, ao meu ver mais uma vez, mais alinhado com o que se pede a religião sobre ele, ou seja, o dia de moderar os hábitos, de não escutar música alta, de não abusar de bebidas alcoólicas, não viajar e não causar euforias necessárias. Nada disso lembra fim, encerramento ou finalização, muito pelo contrário, lembra mais morte e silêncio.

Ao falar do passado dos mortos, Cicero disse que “a vida dos mortos é colocada na memória dos vivos”, ao falar do presente, a Bíblia diz que “devemos deixar os mortos enterrarem os mortos” e, ao se referir ao futuro, Vinícius de Moraes disse que “da morte apenas nascemos, imensamente”. Nenhum se refere a finados, mas à morte como figura central das frases.

Por isso mesmo entendo que chamar o dia dois de Novembro de o dia dos mortos seria mais coerente, entendendo coerência entre o sentido, o significado e a referência que a palavra faz àquilo que ela realmente representa socialmente na vida de cada um de nós.

A história de um motorista

Quando vi que o carro indicado havia chegado, logo fui até ele e perguntei o seu nome. Era exatamente o que estava escrito no aplicativo. Entrei e sentei-me no banco de trás. Eu estava cansado naquele dia, muitos problemas no trabalho e no final dele resolvi deixar meu carro para revisão no dia seguinte.

Nem bem o carro arrancou, ele começou a me falar sobre sua profissão. Contou-me como os últimos tempos de pandemia haviam alterado sua vida financeira.

Eu ouvia quase sem escutar, mas quando ele chegou no ponto em que se referiu à morte de sua esposa por causa do Covid 19, minha atenção se voltou mais a ele. Ao falar do acontecimento sua voz modificou de tom e de volume e eu tive que me esforçar um pouco mais para escutá-lo.

Contou-me que ela passou alguns dias no hospital esperando uma vacina prometida e que não chegou por algum motivo. Ele acompanhou todo o processo pelo qual ela passou naquela unidade de terapia intensiva, naqueles meses de suas vidas tão afetadas. Disse-me também que sua filha esteve sempre presente ao seu lado e que viu sua mãe sofrer muito sem poder fazer muita coisa.

A essa altura sua voz já não saia mais, seus lábios tremiam, olhos marejados e suas mãos ao volante estavam mais firmes como se agarradas a ele. Diminuiu a velocidade do carro e me pediu desculpas por seu momento de fraqueza, dizendo que nada eu tinha a ver com essa história.

Fiquei imóvel até então e quando decidi falar, sem saber direito o quê, disse que muita gente havia partido nessa pandemia e que eu perdi conhecidos e até um amigo também. Um gosto amargo na boca. Um silêncio vazio. Uma inutilidade nas palavras que saiam sem rumo procurando sentidos e significados que pudessem dar conforto e reciprocidade àquele momento.

Percebi que ele também não me escutava direito. Não tinha como e nem porquê. Paguei a corrida, apertei firme a sua mão e disse qualquer coisa que lembrasse o poder da oração em nossas vidas. Ele me respondeu apenas obrigado, mas olhou-me firmemente como se quisesse me dizer para que eu não falasse que aquilo iria passar, que o tempo traria conforto, que tudo iria melhorar e que da sua dor só ele mesmo sabia. Eu entendi. Nada mais falei. Fui-me...

Paciência

Admiro quem tem paciência. Sempre admirei. Ter paciência é um exercício nobre que, creio eu, todos nós deveríamos fazer quando nos deparamos com situações que a nos tiram. Para mim não precisa muito e talvez por isso mesmo parece eu a minha está sempre à prova.

Diante delas chego a contar até dez, a pensar em outras situações mais confortantes, a desviar o assunto e, às vezes, encará-las de um jeito a acreditar que talvez seja coisa do destino ter que lidar com elas.

Dizem que a intolerância é inimiga da paciência. Também não sou intolerante, isso não explica esse meu caso. Uns a tem em excesso, percebo isso; outros, na medida certa e outros ainda a têm pouca. Creio que estou no terceiro grupo, sempre estive, independente de minha idade.

Considero-a uma virtude heroica, heroica no sentido de dar às situações mais difíceis contornos específicos de situações normais, embora o heroísmo dela seja sempre visto, grosso modo, de outra forma pelas pessoas, até mesmo como fraqueza.

Considero a genialidade de quem a muito tem. Valorizo a nobreza de quem a tem na medida certa e compreendo bem que a tem

pouca. Parece também, a primeiro momento, que uma pessoa que tem pouca paciência pode ser considerada muito exigente. Talvez isso seja verdade. Assim como a paciência, a exigência também traz frutos que alimentam a genialidade, a nobreza e a compreensão.

Camilo Castelo Branco, em seu famoso romance português do século XIX, *Amor de Perdição*, disse que “a paciência é a riqueza dos infelizes”. Por essa lógica posso me julgar feliz, não sei se muito, mas feliz, considerando a felicidade como também a capacidade de, a cada dia, poder lidar com as dificuldades da pouca paciência, sensatez para poder escolher a hora certa de agir, acurada delicadeza para escolher as palavras e coragem e rigor para dizer aquilo que precisa ser dito.

Enfeitando o Natal

Rever os enfeites de Natal passados sempre me traz lembranças. Na semana passada foi assim. Fui retirando um por um de uma caixa de papelão empoeirada guardada no sótão. Coisas guardadas também me chamam atenção.

As bolinhas decidi colocar em lugar mais alto por causa da gatinha. Ela quebrou algumas fazendo-as de brinquedo, rolando com elas pela casa enquanto eu trabalhava no ano passado. Quando pude vê-las, já estavam quebradas ameaçando um corte no pé de quem passasse pelo corredor.

Levei quase meia hora para desenrolar o pisca-pisca vermelho, presente de um grande amigo que perdi na pandemia. Amigo de anos cujo destino inesperadamente levou em um acidente de carro. Estendi-o na varanda e fiquei olhando-o picar durante um bom tempo, anunciando ao tempo e a todos que o Natal, época do nascimento, logo chegará novamente e se contrapor-se-á com a perda desse amigo, com a morte.

A guirlanda ficou novamente na porta do lado de fora exposta ao corredor dos elevadores e dos vizinhos, sempre muito cuidadosos também em enfeitar suas casas com muito bom gosto.

Como no ano passado não haverá árvore grande. Essa dá muito trabalho. Duas arvorezinhas compradas prontas com alguns enfeites pequenos ficaram sobre o aparador e ao lado dos bicos-de-papagaio também vermelhos e do retrato de minha mãe sorrindo para o Natal daquele ano que ficou em minha memória.

As pinhas e as estrelinhas foram colocadas em uma cesta envolta a uma cobertura xadrez de verde e vermelho. Presentinhos, sininhos e bengalinhas brancas em miniatura fizeram também parte da tal cestinha. Por fim, alguns laços beges e vermelhos pela casa, espalhando alegria pelo caminho.

Os mesmos enfeites do ano passado. Nada novo, mas tudo feito para que essa época, que lembra sempre nascimento, possa também ser comemorada harmonizando o ano passado com este ano em um espetáculo maravilhoso da vida, como dizia João Cabral de Melo Neto: “não há melhor resposta que o espetáculo da vida, vê-la desfiar seu fio que também se chama vida”.

A morte de Gal Costa

Em 1986 eu estava no segundo ano da primeira faculdade de Letras, em São José do Rio Pardo, cidade quase divisa com Minas Gerais e foi exatamente lá que ouvi falar de um show de Gal Costa em Poços de Caldas. O show se chamava Vaca Profana, uma música também do mesmo disco que foi censurada por fugir às regras da moral e dos bons costumes.

Eu morava longe e não tinha como ir até aparecer um amigo com o mesmo desejo. Compramos o ingresso no Diretório Acadêmico da faculdade. Lembro-me que seria em um ginásio de esportes afastado da área urbana. Fomos de ônibus sem dinheiro para hotel e saber direito a que horas voltaríamos no outro dia. Voltamos com uma carona que pedimos à beira da pista logo ao raiar do dia.

Foi assim que Gal Costa me acompanhou durante grande parte da minha vida por meio *de long plays, Cds, DVDs e YouTube*, inclusive por meio de oito shows dela em que consegui estar, cada um enfrentando dificuldades diferentes, até o ano passado quando um último, para o qual comprei ingresso em Campinas foi cancelado duas vezes e o dinheiro devolvido.

“Musa de qualquer estação”. É o codinome do qual eu gosto de chamá-la. Sempre a admirei por sua voz límpida, nítida e aguda.

Uma vez li um texto de um crítico musical intitulado “As Marisas aos montes não chegam ao calcanhoto da Gal Costa”. Achei agressivo o título, mas quando o li, entendi que o autor também era grande fã dela. Ele escreveu que, após uma pesquisa feita por ele, confirmou que Gal Costa e Elis Regina eram cantoras que estudavam as partituras musicais antes de entrarem no palco.

O tempo passou. Hoje ela foi em busca de uma outra estação, aquela na qual, um dia, podemos nos encontrar novamente. Deixou a vida de seus fãs um pouco menos musical e um pouco mais órfã. E como ela mesma gostava de cantar, repito que “dessa vez doeu demais, o amanhã será jamais...”

Um velho tecladista

Depois de dois anos estudando teclado em Campinas, em 2009 comprei um e comecei a tocar em casa para mim mesmo nos fins de semana. Comprei partituras, um suporte em x e até mesmo um espelho, o qual, segundo o professor, ajudava na motivação de tocar e até na de cantar.

Ele ficou em um canto e contribuía para a decoração da casa. Bonito, imponente e tinha um som muito bom. Os vizinhos até gostavam de ouvir, dizia-me uma senhora que morava com seu filho no apartamento ao lado. A música, segundo *Chopin*, “é um transporte para um escapismo daquilo que a realidade produz de mazelas”.

Mudei-me de prédio e de apartamento e ele me acompanhou, firme em seu suporte e em seu som nítido e agradável. Fui deixando de tocá-lo. A vida nos reserva situações em que, sem querer, temos que nos afastar daquilo que gostamos. Tive que me aproximar de coisas mais urgentes do que a música e naquela época conheci algumas pessoas ranzinzas, ranzinzas mesmo, no sentido literal da palavra, nem de música gostavam e com as quais tive que conviver como uma insuportável obrigação diária. Mas ele ficou lá no canto, paciente, esperando-me voltar na hora certa.

Naquela casa toquei muito pouco. Foi uma época de ritmo frenético de trabalho e de estudos. Fui-me afastando dele e ele de mim. Ainda limpava suas teclas com muita paciência, mas tocar, não o tocava. Colocava-o de volta no suporte. Até enfeitei-o com um vasinho de violetas azuis.

Mudei-me novamente e, mais uma vez, ele veio comigo, só que dessa vez guardado em uma caixa, sem seu suporte. Às vezes, poucas vezes, ainda pude vê-lo dentro do armário, aguardando minha vontade e inspiração para novamente poder fazê-lo emitir seus sons doces, agradáveis.

Minha vizinha é professora de piano. De casa escuto sempre suas aulas aos Sábados pela manhã. Uma japonesinha agradável, simpática e cheia de sorrisos. Já me disse para voltar a estudar teclado ou piano. Ela mesma se ofereceu como professora.

Depois de 15 anos estou pensando novamente em voltar à música e disse isso a ela, que iria pensar. Ela sorriu como quem não acreditou.

Estou ficando velho mesmo. Na semana passada tirei-o da caixa e montei-o novamente em seu suporte. Deu-me saudade de tocar. Senti medo de ficar sem música e me acostumar às mazelas a que se referiu *Chopin*. E antes ser um velho tecladista do que ser um velho ranzinza...

Um doce sonho

Ela apareceu em meio a uma neblina branca e foi se aproximando de mim. Confesso que senti medo misturado a uma vontade também de se aproximar dela, mas tudo é tão difícil nesta vida e, ao que parece, em outras também. Enxerguei-a perfeitamente. Seus cabelos brancos e soltos, seu rosto cansado e seus olhos ainda cheios de vida. Quis dizer-lhe o quanto ainda fazem falta suas palavras ternas, seu sorriso pelos corredores e suas mãos amigas sempre estendidas em gestos de ajuda e de salvação.

Beth Pompeu. Assim era conhecida pelos amigos da Unicamp e da FAM – Faculdade de Americana -, onde trabalhamos mais de dez anos e para isso viajavamos juntos pela Rodovia Anhanguera sempre nos mesmos horários. Ela não dirigia, sempre lhe dava carona. Pegava-a em frente de sua casa e a devolvia exatamente lá, onde o seu cãozinho a esperava sempre no portão. Parecia que ele sabia seu horário de chegada.

Seus alunos a apelidaram de Beth Weber por causa de Max Weber, sua grande admiração na Sociologia, parecia até uma grande paixão antiga e, segundo eles próprios, muito bem resolvida em suas aulas nos cursos de licenciatura daquelas faculdades por onde passava lecionando e encantando a todos.

Vivia pelos corredores aconselhando aqueles que pediam sua opinião sobre algum assunto. Fiquei sabendo que uma vez pagou seis meses de mensalidade para uma aluna que se separou do marido após ficar desempregada. Meses depois ela mesma me contou que a aluna andava passando até fome.

Em seu velório notei que seus colegas haviam colocado vários exemplares da Revista Educação e Sociedade ao lado de seu corpo no caixão. Foi uma das cenas mais emocionantes da minha vida. Um exemplar era uma homenagem a Max Weber com um artigo dela publicado.

Ali naquele momento de sonho e de reencontro, eu não disse nada, nem ela. O que pude perceber foi um arrepio em minha pele e um despertar tranquilo e prazeroso. Tudo tão rápido, mas que suscitou muitas lembranças, bem mais ainda do que essas que, com muitas saudades, escrevo aqui...

O que é bom não dura

A tudo ele apaziguava e emprestava suas mãos. “Passava pano”, como está na moda dizer. Aprendera que a diplomacia é sempre o melhor caminho. Por paciência e até por piedade, às vezes, escondia seus sentimentos mais profundos para que a dura realidade pudesse ser melhor para todos.

A alegria em concordar sempre o vencia, e ele, apesar disso, se sentia feliz. Uma felicidade momentânea, mas felicidade mesmo.

Até aquele dia em que aconteceu. Dizem por aí que “quando a água bate no pescoço, aprende-se a nadar”. E o bom de aprender a nadar nessas circunstâncias é que a melhor professora é a própria água.

Naquele dia saiu para comprar pães e nunca mais voltou. Na rodoviária, alguns, sem muita certeza, disseram que o ônibus tinha o levado para a cidade grande, outros também, que tinha o levado para o interior.

Nunca mais o viram. A felicidade momentânea dele dera espaço ali para uma grande saudade de sua tolerância.

Naquele lugar ele fazia muita falta. Diziam até que, depois que partiu, as pessoas nem se davam mais tão bem assim.

Discordavam-se. Ele era uma espécie de catalizador de problemas mal resolvidos, problemas daquelas gentes agora saudosas dele.

Ouvi falar que, vez por outra, ainda aparece alguém na rodoviária a perguntar por ele. E há sempre quem diz que o que é bom dura muito pouco...

Seu Bento

E foi naquele ponto de ônibus que o conheci com sua caixinha de balas e seu chapeuzinho xadrez indo para o centro da cidade vendê-las por lá. Orientou-me sobre qual ônibus iria para o meu local de chegada. Ofereceu-me algumas balas. Comprei.

Eu estava voltando de um bairro onde até então nunca havia estado. O ônibus estava cheio, mas pude me agarrar a um canto do fundo, em pé, bem ao lado de onde ele se sentou.

Era aposentado. Contou-me que as balas o ajudavam na despesa da casa. Sorria sempre e sem ter por que. Ali mesmo no ônibus conseguiu vender um pouco mais. Percebi que os passageiros já o conheciam. Até pude ouvir alguém chamá-lo de Benedito. Benedito, do Latim *Benedictus*, abençoado, bendito, bento.

O cobrador lhe disse que o remédio tinha sido bom. Sua menina havia melhorado da febre e agradeceu-o por tê-lo ajudado. O motorista reforçou o “Deus o abençoe” dito pelo cobrador em um tom agradecido. Ele desceu no ponto central.

Ainda pude vê-lo sorrir para o nada empunhando sua caixinha de balas e colocando seu chapéu.

Ao meu lado uma senhora apressou-se em lhe dar um aceno com a mão e disse baixinho que fosse com Deus, olhando para a colega de banco que respondeu um amém.

Desci no próximo ponto. Estranhamente uma tranquilidade tomou conta daquela hora, uma paz, serena mesmo, abençoada, bendita, benta, portanto...

A velha religiosa

Ela saiu da igreja acompanhada das amigas. Despediram-se à porta, abençoando-se umas às outras em um sentimento único de uma quase santidade. Sorriam.

A sensação de pertencimento dava àquele grupo de velhas uma segurança fortalecida pelo que se chama de fé. Cada uma seguiu seu rumo e sua vida.

Ao descer os degraus torceu o pé e caiu sentada na escada. Agora sozinha, seus pensamentos assombrevam-se de solidão e de perigo naquele anoitecer escuro. Sua quase santidade e sua fé deram lugar a uma insegurança visível e sua força, a um fraco medo dos homens que ali mesmo na escada estavam sentados. Eram andarilhos, pedintes.

Naquele momento nada poderia ser pior do que eles. Agarrou-se a sua bolsa e com uma única mão tentou se levantar. Não conseguiu.

Eles foram chegando perto. Ela tremia abandonada pelo grupo de amigas do qual já estava longe. Tentou um sorriso. Não os convenceu. Eles estavam perto demais.

A vida é natural, é o que nos acontece sem premeditação, sem mesmo percebermos, são os acidentes que nos surpreendem a cada momento. A vida deve ser humana como nós, creio.

O primeiro pegou a sua bolsa, o segundo levantou-a, o terceiro ainda lhe abriu um sorriso sem dentes e perguntou se estava tudo bem.

Ela respondeu que sim e foi-se mancando e sem olhar para trás, limpando-se da poeira do mundo. Seu rosto se avermelhou rendido à vida mundana: havia gente realmente boa para além dos muros de seu grupo de amigas...

O dia de Domingo

As palavras Sábado e Domingo não vêm acompanhadas de feira como os outros dias. Feira significa fazer negócio, trabalhar, diferente de fêria que significa descanso, repouso. São dias, pelo menos em seus significados nas Línguas Neolatinas, para se descansar do trabalho, feriados então.

Sábado é um dia em que se percebe que o trabalho semanal vai se arrefecendo e dando lugar ao descanso de muitos, às conversas mais descontraídas, às mesas de bar, aos compromissos festivos, aos amores possíveis do dia, da noite e da madrugada.

No Domingo tudo muda. Quietude do tempo e do espaço. Aqui ou ali ainda é possível ver pessoas em feiras e em férias e cercadas de uma atmosfera amistosa sem as ranhuras dos dias de trabalho semanais.

Domingo, dia do Senhor, muitos obedecem aos ditames religiosos e se preservam em seus silêncios domésticos ou em sua clausura interna de preocupações. Domingo então é o dia de não se fazer nada.

Antônio Gedeão, um antigo poeta português, tem um texto que diz que “aos domingos as ruas estão desertas e parecem mais largas. Ausentaram-se os homens à procura de outros novos cansaços

que os descansem. Seu livre arbítrio alegremente os força a fazer o mesmo que fizeram os outros que foram fazer o que eles fazem”.

Almoços em família, churrasquinhos rápidos, conversas ao léu, um cineminha sagrado, jogos de azar, são esses novos cansaços que descansam os homens dos cansaços do trabalho das feiras neste dia de descanso, fêria, portanto. É Domingo...

O motoboy

Em uma de minhas conversas com adolescentes nos últimos dias, deparei-me com ele, aquele motoboy entregador de refeições. Não era, por assim dizer, bem um adolescente porque já tinha dezenove anos e trabalhava há um nessa função.

Disse-me que não queria fazer uma faculdade porque tinha que trabalhar e sustentar sua pequena de dois anos. Além disso gostava da vida aventureira sobre duas rodas, aquela à qual mais ansiávamos quando também éramos jovens, muita adrenalina, a sensação de liberdade e de poder sobre uma máquina e melhor ainda se pudéssemos ganhar algum dinheiro com ela.

O seu sonho, porém, era o de migrar de seu trabalho esporádico para um outro mais garantido, o de motorista de aplicativo. Sair das duas rodas para o conforto mais estável de um carro e de um cotidiano menos exposto ao perigo de viver. Havia um sonho ali ao menos.

Expliquei-lhe alguns benefícios que nos trazem a experiência do Ensino Superior, o convívio com pessoa admiráveis e a possível aquisição de um diploma. Ele me ouviu atentamente. Dei-lhe alguns folders sobre cursos os quais poderia procurar e que provavelmente lhe trariam um certo gosto a mais pelo trabalho, um gosto tão natural

quanto o dele pela velocidade e por sua liberdade aventureira sobre rodas.

Deixei escapar uma frase que ouvi de uma saudosa professora que me citou Anatole France em uma situação parecida a essa que vivi com ele: “Para realizar grandes conquistas, devemos não apenas agir, mas também sonhar, não apenas planejar, mas também acreditar”.

Colocou o capacete, pegou os *folders*, agradeceu e acelerou sua moto estridente, dizendo-me que era isso mesmo, que eu estava certo. Sorriu e foi-se.

Ainda pude vê-lo cruzar a avenida, empinando sua moto e seguindo livre pela alameda florida rumo novamente a sua momentânea sensação de liberdade e de poder...

Black Friday

Havia muita gente entre as prateleiras e gôndolas repletas de promoções. Carrinhos cheios, pessoas experimentando guloseimas, demonstradores animados e felizes em não discordar. Gentes de todos os tipos e cores aproveitando o momento para comprar aquilo que, talvez, não conseguiriam em dias comuns.

As ofertas variavam desde a seção de carnes até a de bebidas. Estavam bem à mostra para que todos pudessem ver. Houve até confusão entre clientes que disputavam o melhor ângulo nos balcões. Uma ansiosa senhora até perdeu a paciência com a criançada que corria pelos corredores.

Conversas de todos os tipos, sorrisos e suspiros davam àquele lugar a impressão de uma vida perfeita e regada à sensação de prazer, aquela que traz a satisfação de poder comprar o que se pode e consumir aquilo que se quer. Até produtos de Natal estavam mais baratos. Estranha façanha para a época.

Mas foi no caixa que a fila se avolumou. Ao contrário do consumo de produtos, naquele espaço, naquela fila única, havia outro tipo de consumo: o do tempo de cada um que ali estava. Uns com mais, outros com menos.

Naquela hora os sorrisos, as boas sensações, as disputas saudáveis e o poderoso pensamento de felicidade consumista deram lugar às reclamações, às pragas, aos olhares mais sérios, às caras feias, aos comentários sobre a demora, aos descontentamentos, acompanhados também da reclamação da moça do caixa sobre o dia da Black Friday. Para ela um transtorno. Ela disse alto e em bom tom, inclusive, que era apenas um dia, se não ela mesma já estaria longe dali.

Consumir o tempo é uma atividade bem diferente de consumir produtos. Requer, às vezes, paciência meticulosa, outras vezes, nem isso. Tem gente que diz que perder tempo nem é perder tempo porque tempo não se perde e nem se acha. Tempo é categoria de análise, de reflexão. Em um determinado documentário dirigido por Adriana Dutra e Walter Carrasco, perder ou o ganhar tempo são discutidos à maneira do mundo das ideias.

Naquele mundo sensível da Black Friday e do caixa do supermercado nem havia discussão sobre isso. Havia visivelmente um grande deslocamento de sensações e de sentimentos humanos de ganhar tempo em nome do prazer de consumir e perder tempo em nome do desprazer de consumir-se...

A dieta de ninguém

A última orientação do médico foi a de que deveria fazer uma dieta e cortar açúcar, gorduras e carboidratos, além de evitar bebidas alcoólicas.

Saiu do consultório cabisbaixo e pensativo que, após trabalhar trinta e nove anos ininterruptos e viver cinquenta e seis, ainda tinha que passar por esses castigos da própria vida.

Ficou um mês cortando esses desejos. Seu mau humor aumentou, seu sorriso diminuiu de tamanho e suas aspirações ao futuro foram desaparecendo.

Fenômenos estranhos para alguém tão de bem com a vida. Os amigos perceberam e comentaram sobre suas mudanças comportamentais. Até que chegou um fim de semana livre de tumultos e longe de todos.

Saiu à noite para passear um pouco e olhar a rua. Do carro via as pessoas pela calçada sem mesmo sentir por elas qualquer coisa. As ruas floridas e enfeitadas para o Natal pareciam-lhe uma estranha forma de alegria. Criticou sozinho os exageros das luzes coloridas chamando-as de mau gosto, de breguice exagerada.

Ao parar em uma churrascaria, viu o seu médico tomando vinhos, comendo carne e arroz com os amigos, sorrindo com aquele

rosto corado de felicidade, além de fumar deliciosamente o seu charuto preferido, presente dele próprio, seu paciente.

Não desceu do carro. Foi se retirando daquele lugar lentamente. Na volta para casa e diante novamente das luzes de Natal, foi refletindo sobre a própria época de festas, sobre a sua vida, sobre aquela dieta e sobre a de seu médico, também em sobrepeso.

Não teve dúvida, parou na pizzaria mais próxima...

Na rodoviária de São Paulo

A rodoviária de São Paulo é o mundo. Lembro-me aqui de Guimarães Rosa quando se reportou ao sertão. Cheguei bem antes do horário do ônibus. Depois de um dia inteiro de reuniões, sentei-me no primeiro banco que vi, ao lado de uma lanchonete repleta de clientes. Respirei fundo, acomodando minhas coisas no colo porque não havia lugar para elas.

À minha frente um homem tocava piano, tocava *Chopin*, creio que um de seus Noturnos. O burburinho das falas apressadas, do barulho dos motores dos ônibus, o das televisões ligadas, dos liquidificadores a todo vapor atendendo aos pedidos de sucos. Uma mistura de sons. Tentei prestar atenção à música do piano, observando o pianista. Sobre o piano havia uma vasilha em que os ouvintes colocavam dinheiro.

Até que o ouvi falar alto e pedir para que eu lhe pagasse um doce da vitrina. Uma voz pequenina e rouca. Era um menino de uns dez anos mais ou menos. Os olhos vivos, seus cabelos despenteados, camisetinha da seleção brasileira, chinelo havaiana.

O meu cansaço deu lugar a uma especial e momentânea atenção a ele. Aquele sentimento de impotência que temos quando nos deparamos com uma situação como essa, que mistura um desejo

profundo de ser útil a alguém com uma sensação de não saber como. Mas ali eu sabia: era um doce que ele queria.

Deixei as coisas sobre o banco e chegamos à vitrina. Ele escolheu o maior, o vermelho com bolinhas coloridas, o qual pegou com as duas mãozinhas estendidas.

Com certo senso de responsabilidade perguntei-lhe sobre sua mãe e ele respondeu que havia ido ao banheiro. Voltei a sentar-me no banco. Ele ficou ali mordendo o doce até que a viu sair. Correu até ela e deu-lhe um pedaço. Trouxe-a até mim apresentando-me como seu amigo. Ela me agradeceu e foram-se carregando sacolas de plásticos pelos corredores da rodoviária.

Não tive o ímpeto de perguntar-lhe o seu nome e nem o dela. O barulho do local atrapalhava qualquer conversa mais civilizada. Era preciso gritar para ser ouvido, como em muitas situações na vida.

Tentar ouvir novamente o pianista. Meu cansaço agora havia dado lugar a uma certa admiração pelo menino, pelo pianista e por aquele local tão hostil e barulhento. Carlos Drummond de Andrade disse que tinha “apenas as duas mãos e o sentimento do mundo”. O menino tinha mais que ele, tinha as duas mãos, a mãe e minha amizade, ainda que tenha durado muito pouco como o Noturno de *Chopin* e o doce colorido.

Eu “sejava”

Aquela manhã de Sábado ficou diferente, tudo ganhou um olhar mais calmo e atencioso de minha parte. O tempo passou mais devagar e pude observar mais de perto cada detalhe daquelas crianças naquela brinquedoteca.

Isso porque eu vinha de uma semana carregada de muitos problemas necessários e desnecessários, desses que a vida nos acomete e com os quais, na correria dela, envolvemo-nos até os dentes sem perceber.

Ele chegou devagar, cabeça raspada, olhinhos claros e dois homenzinhos de plástico na mão. Disse que queria brincar de mocinho e bandido. Ele seria o mocinho e eu “sejava” o bandido.

Sentamo-nos no chão e ele já se apressou em sair atirando no bandido, que se escondeu atrás da primeira poltrona que viu. Não adiantou. Ele, com seu senso de justiça e ordem, insistiu por mais alguns minutos nos disparos até que o bandido levantou as mãos, rendendo-se. Prendeu-o em uma caixa que ali fazia o papel coadjuvante de cadeia.

Ao final disse-me que tinha que continuar seu tratamento e a enfermeira já o esperava à porta, olhando-nos e sorrindo.

Antes de ir ainda teve tempo de me dizer que voltaria e brincaria comigo até quando pudesse e, claro, eu seria sempre o bandido. Ele seria sempre o herói, prometi.

Fiquei ali arrumando os brinquedos para uma próxima aventura. Depois sentei-me na poltrona a observar cada detalhe daquela sala e de quem nela estava. Esqueci-me por alguns instantes dos problemas da vida diante daquele menino e daquela sala de brinquedos. Ali eu “sejava” agora também parte do cenário de um grande palco de sonhos infantis, ainda que preso naquela caixa de papelão coadjuvante.

Oscar Wilde disse um dia que para fazer uma criança sonhar, basta apenas fazê-la feliz. Eu pude vê-lo feliz no colo da enfermeira a acenar para mim e para todos no corredor do hospital.

Confesso que eu também estava feliz, felicidade mesmo, daquela que altera até o jeito de lidar com os problemas e de enxergar a vida...

A Copa e Pelé

“Se a juventude soubesse e a velhice pudesse”. Esse é o título de uma reflexão sobre as etapas da vida disponível no *YouTube*. Há ali uma grande discussão sobre o querer e o poder nessas épocas.

Deparei-me com essa lembrança no momento em que, ao mesmo tempo em que assistia a um jogo da Copa 2022 pela televisão, lia em um *site* de notícias sobre as condições de saúde do jogador Pelé.

Os jovens jogadores e muitos torcedores estenderam acalorados uma faixa com o nome daquele que foi popularmente intitulado como o rei do futebol no Brasil, internado em São Paulo com complicações sérias no pulmão.

De longe o rei agradeceu e no meio do agradecimento soltou a frase “quero muito inspirar vocês”. É evidente, e a História prova, que a inspiração sempre existiu, existe e existirá para aqueles jovens cujas vidas dedicam a esse esporte. Inspiração, inclusive, que serve de orientação, de aprendizagem.

Naquela hora pensei no vigor dessa inspiração, da força que ela traz a esses jovens que ainda têm muito a aprender com ele e desse rei que ainda pode continuar fazendo com suas palavras, ainda que

com todas as restrições da idade, muita gente vibrar de emoções positivas.

Os jovens jogadores devem olhar para o velho rei como se o auscultassem com muita atenção para extrair desse momento o que de bom for possível para seus futuros. O velho rei confia nos jovens, entende que o que passa e acaba é apenas o efêmero tempo. A História sobrevive...

O panetone

Panetone segundo a lenda popular, significa em italiano *pane di Toni*, mais especificamente no português do Brasil Pão de Toni. Toni foi um padeiro italiano que viveu em Milão por volta dos anos noventa e a mesma lenda conta a história que seu assistente errou ao fazer uma torta comum e para dar uma forma diferente ao seu erro acrescentou ingredientes a mais à massa, inclusive frutas cristalizadas.

Um tipo de pão que quase não vemos por aí durante o ano, mas que aparece aos montes e em suas variedades nesta época de Dezembro. Um pão natalino, portanto. Natalino porque vem dessa mesma lenda: ao invés de uma torta de Natal, o erro do padeiro deu origem a um novo pão para aquela véspera da festa do nascimento de Jesus.

Ela não sabia disso, creio eu, e encostou-se no balcão da paneteria. Eu era o terceiro de uma fila de oito. Pediu um lindo panetone exposto na vitrina, coberto bolinhas de chocolate preto e branco. Na base frutas vermelhas enfeitavam-no em um prato dourado. De um lado ao outro havia uma alça de papel que o contornava por cima e bem no meio da alça, um adesivo escrito

chocolate suíço. Desciam desse adesivo fitinhas vermelhas e brancas simulando as cores da bandeira suíça.

Pegou-o e saiu desfilando com o panetone pelo local como se tivesse adquirido aquilo que um dia mais sonhara. Na fila olhávamos para ela e sua cara e doce aquisição. Foi até o outro balcão e pediu para embrulhá-lo. O embrulho, claro, era feito de motes natalinos. Foi ao caixa e pagou-o. Ouvimos claro: cento e três reais. Uma senhora na fila disse baixinho que ela estava querendo se aparecer e que muito *glamour* é falta de espiritualidade.

Comprei meus pães matinais e sai da paneteria pensando sobre o quão importante aquela aquisição pareceu ser à bonita moça e o quanto incomodou-nos na fila aquele desfile e aquele glamour todo. Na calçada para casa veio-me à mente a história simples e longínqua do pão de Toni.

As épocas mudam. O mundo evolui. Creio que o próprio Toni olharia para tudo isso com bons olhos de padeiro e de comerciante. Aquela senhora moralizou o *glamour*, uma moral desnecessária. A moça bonita ficou até mais bonita desfilando pelo local. *Glamour* é para quem sabe distribuir o brilho da própria luz. Ilumina-se quem se atreve...

A pizza de camarão

Há pessoas admiráveis pela maneira com que detalhadamente observam ou analisam as coisas. Geralmente são curiosas, têm sempre uma pergunta a mais para fazer, uma dúvida que surge até mesmo “nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo”, como se diz por aí. Ele era assim, tranquilo e calmo, falava baixo, dificilmente alterava seu tom de voz, mesmo em situações mais estressantes. Marcava um compromisso às seis horas e chegava exatamente às seis, parecia que seu tempo era milimetricamente pensado e cuidadosamente contado.

Quando chegava aos lugares onde frequentava, as pessoas conhecidas já o olhavam, parecendo saber dessas suas particularidades. Os amigos, então, antes de chamá-lo para alguma aventura, sempre comentavam que ele daria ao evento uma tranquilidade maior, um contrapeso aos eufóricos comportamentos de todos. Às vezes, dormia sentado, sem problema algum, em plena conversa com outra pessoa, deixando-a falar sozinha.

Até que um dia, em uma determinada pizzaria do Recife, olhou o menu e leu o prato: “pizza de camarão”. Não deu outra. Chamou o jovem garçom, disse-lhe boa noite, perguntou o seu nome. O rapaz respondia às suas perguntas enquanto os amigos já

esperavam ansiosos o clímax daquela conversa. Até que ele veio. Ele perguntou pacientemente como era feita aquela pizza de camarão.

O garçom ficou meio sem jeito, dizendo que iria se informar e que logo viria com a resposta. Foi-se. Os amigos se entreolharam com aqueles suspiros baixinhos de quem já estava acostumado com situações como essa.

Em um de seus poemas intitulado Falso Diálogo entre Pessoa e Caeiro, diz o poeta: “a chuva me deixa triste, a mim me deixa molhado”. Eu não me contive. Em minha objetividade quase amarga e ofensiva, disse a ele que era só assar a massa e colocar os camarões, o queijo e os temperos por cima e estaria pronta.

Um minuto de silêncio. A turma, na expectativa, suspirou novamente, esperando alguma reação mais brusca de sua parte. Ele me olhou e respondeu apenas um surpresa obrigado. Fiquei um pouco sem jeito diante de todos.

O rapaz logo voltou da cozinha com a resposta: “senhor, assa-se a massa, coloca-se o camarão, o queijo e tempera”.

Respirei fundo e aliviado, o garçom me salvou...

Eu e o espelho, apenas

Pude ainda perceber os vestígios dos últimos anos naquele espelho no corredor entre os quartos e a sala de estar e foi em uma manhã de Sábado. Veio-me à memória cada detalhe de etapas vividas para se chegar até ele naquele dia claro de Sol.

Os vincos da testa me diziam incessantemente que o tempo passou, um pouco abaixo algumas marcas de feição bravia me atestavam muito mais sobre os segredos da paciência do que os da falta dela.

Em volta dos olhos os riscos horizontais me diziam algo que até precisei puxar de um passado longínquo e memorável para entender, rascunhos passados a limpo de turbulências arrastadas e calmarias conquistadas.

Já os verticais entre os olhos me falavam sobre de saudades, esse sentimento verdadeiro e que deixa marcas profundas para quem foi feliz.

“Narciso acha feio o que não é espelho...”, frase inteligente e perigosa de Caetano Veloso para quem se atreve a se olhar e a pensar em si mesmo, ensimesmar-se. O espelho reflete a nossa verdade objetiva. Ele não erra. Se pensasse, erraria como nós.

E foi então que um meu sorriso tímido nos ajudou. Eu e o espelho, apenas. Atitude nada fácil, eu sei. Nesse então verdadeiro sorriso pude sentir uma vontade festiva de comemoração feliz naquele Sábado. Ergui a taça em um brinde altivo de champanhe sofisticada.

Encontrei-me sobrevivo...

Lembranças na noite

Dizem que quando sentimos saudades de um lugar é melhor não voltarmos lá porque nunca mais ele será como antes. As pessoas que viviam lá não estarão mais do mesmo jeito, os olhares que colocamos sobre ele não serão os mesmos e a sensação de que quase nada mais nos pertence será a única certeza.

E foi dessa maneira que ele caminhou por aquela avenida dupla e arborizadas que separava casas antigas, bares noturnos repletos de gentes nas calçadas, as luzes de neon, as fachadas coloridas. Separavam inclusive suas lembranças também. Lembranças que ficaram.

Foi observando as pessoas, seus sorrisos, seus olhares, absortas entre elas como se comemorassem suas alegrias com os copos nas mãos e garrafas sobre as mesas. Sentiu-se único.

Entrou naquele bar à meia luz e viu a máquina jukebox a um canto mais iluminado. Pediu um scotch sem gelo como de costume fazia. Comprou a moeda e colocou-a na máquina. Escolheu a música de sempre: *“Long ago, and, oh, so far away, I fell in love with you before the second show. Your guitar, it sounds so sweet and clear, but you're not really here, It's just the radio”*.

Tudo era diferente. O bar mais vazio, os garçons eram outros, não havia mais o espelho que refletia a felicidade que um dia ali esteve e nem os quadros de Monet que o faziam lembrar do tempo na Europa. O scotch era o mesmo, a máquina era a mesma, mas ele não. Sentiu saudades daquele lugar, mesmo estando ali.

Saiu. Entrou no metrô. Não era mais único. Era agora mais um entre tantos. Encostou a cabeça no vidro como quem queria descansar. Fechou os olhos. E por falar em nada mais que era dele, deixou seus pensamentos vagarem ao efeito do *whisky* e do barulho das frenagens do trem.

As velhas

Quando o padre terminou de rezar a missa e a última música encerrou o evento, todos começaram a se levantar, ajeitando-se e apressando-se em sair da igreja repleta das gentes. Formou-se até uma fila na saída. Elas tiveram a mesma ideia que eu, esperaram sentadas no banco a melhor oportunidade para se levantarem. Eu estava no banco de trás.

A fila para a saída andava muito lentamente, pessoas paravam para conversar, atrapalhando o fluxo. Alguns queriam tocar a mão do padre, outros, pedirem algo, outros, ainda, apenas vê-lo de longe e darem-lhe um sorriso fraterno.

Elas não. Ficaram conversando entre elas sobre o que fazer para o almoço naquele Domingo de chuva. Uma delas até arriscou que compraria comida porque estava cansada de servir de escrava para aquele seu povo que dormia até tarde. A mais velha apressou-se em dizer que disso não sofria. Colocava a preguiçosa filha para ajudá-la nos afazeres da casa. A mais nova arriscou uma conclusão diferente e ressaltou que ainda bem que não havia se casado. Resolvia tudo com ela mesma, morava sozinha com sua gatinha de estimação, a Pérola.

A mais velha e mais séria delas perguntou se ela nunca tinha sentido falta de um companheiro em casa. Ela soltou um alto e surpreendente “Deus me livre”, depois do qual eu não me contive no banco de trás. Dei risada, baixa, mas risada mesmo, afinal ouvidos foram feitos para ouvir.

Olharam-me espantadas como se eu tivesse descoberto um grande segredo e fosse contá-lo para todas aquelas pessoas que deixavam a igreja. Disfarcei, levantei-me devagar, aprumei-me desconsertado e fui-me embrenhando pela fila que ainda se avolumava no corredor central.

Ainda pude ouvir um “atrevido” vindo da direção delas, mas não sei bem quem assim me nomeou. Abri outro sorriso, dessa vez amigável e feliz, exatamente como deve ser com quem sai de uma linda missa como aquela.

A decisão

Quando ela desceu do taxi pôde ver a praça florida naquela noite de primavera. Aquele lugar lhe dizia sobre um passado recente e quase pouco feliz. Uma mistura de lembranças doces com uma amargura peculiar na boca. Viu o chafariz iluminado. Águas cristalinas como aquelas lembranças.

Atravessou a rua e logo estava diante da porta de entrada daquele edifício. Viu sair uma moça ajeitando-se e sorrindo para ela. A moça comia um chocolate branco. Ela tirou os óculos escuros. Algo ficou diferente. A moça a fizera parar de repente e bruscamente. Aquele chocolate pareceu-lhe uma estranha forma de dar ao sorriso da mulher uma doçura sem verdade.

Ficou ali pensando se entraria ou não. Sabia que precisariam ter novamente uma conversa franca e dessa vez muito mais amigável.

Mas a amargura da boca lhe falava mais alto e com mais certeza. Não queria viver de novo com aquela sensação devastadora de que algo se romperia a qualquer momento e ela viesse a cair em um profundo abismo de desordem.

Colocou os óculos. Atravessou a rua novamente sem nem olhar para trás. O chafariz estava lá brilhando para a noite. Chamou outro taxi. Entrou no carro. A música dizia qualquer coisa de

felicidade. Ela abriu o vidro e sentiu o vento no cabelo, dessa vez sem nenhuma lembrança no coração e nenhum amargo na boca.

A caixa

E foi naquela costumeira praça que ela se sentou sozinha em um banco. Cansada que estava dos seus dias, com as duas sacolinhas de compras no colo, ficou observando os pombos que catavam o que comer no calçamento encardido da passagem de pedestres.

Lá mesmo viu aquela jovem moça vindo em sua direção. Era loira como ela também fora um dia. Tinha um rosto angelical e usava uma boina preta. Moça bem vestida, educada, que lhe perguntou onde ficava a rua XV de Novembro.

Ela explicou ao seu jeito. A moça agradeceu e lhe deu um sorriso aberto. Desejou-lhe um ótimo dia.

Há muito tempo não recebia um sorriso de bom dia. Vivia só. Sua família a abandonara naquela pensão quando se descobriu doente. Ali vivia o seu fim de destino.

Moça linda como ela também o fora. Ainda pôde observá-la dobrando a esquina e sem olhar para trás, com sua boina e seu sobretudo pretos.

Levantou-se. As frutas na sacola tinham um cheiro bom. Seguiu para pensão e entrou em seu quartinho de fundo. Escancarou as janelas. Guardou as compras, sentou-se na cama e abriu a caixa de fotos antigas. Ficou ali ainda um bom tempo observando aquelas

lembranças da mocidade. Fotos que refletiam sua juventude angelical e loira. Sentiu saudades de si mesma, coisa que não gostava muito de sentir.

Ao fechar a caixa teve um ímpeto de dar um muxoxo de desdém. Ela havia sido muito mais bonita que aquela moça – pensou, ainda, com os olhos lustrosos e úmidos, típicos das gentes velhas.

Nina e Babalu

Levei Nina ao veterinário. Dessa vez ela não foi a protagonista do dia. Quando chegamos lá, já demos de cara com a Babalu, uma gatinha persa, aguardando dentro de sua caixinha de transporte a vez de ser atendida.

Sentamos ao lado dela. Ela nos observava atenta com aquela carinha de “mamãe, pisei no cocô”, típica desses gatinhos mais grã-finos e domesticados. Ficamos “na nossa”. Nina não gosta de muita conversa com estranhos.

Até que a recepcionista veio buscá-la para a consulta. A moça não percebeu que a portinha da caixa estava destrancada. Babalu aproveitou o momento e fugiu correndo consultório adentro, subindo assustada pelo armário de vidro, derrubando enfeites e vasos que se espatifavam no chão.

A garota a chamava pelo nome. Ela não respondia. Sua dona a havia deixado sob a responsabilidade da clínica. A gatinha não obedecia a ninguém. Quanto mais a chamávamos, mais ela se escondia em cima daquele armário.

Foi então que veio o veterinário japonês e subiu em um banquinho para alcançá-la.. Babalu deu um salto lá de cima e foi se

arranhando pela cortina de renda até que a derrubou também sobre o sofá de espera e, claro, dm cima de mim e da Nina.

Ela se escondeu novamente sob a cortina e dessa vez foi capturada pelo homem que, gentilmente, a pegou no colo. Até que soltou um miado, um miado comprido e demorado de quem estava com medo. Foi levada para o consultório.

A menina arrumou a sala, varreu os cacos de vidros e ainda teve tempo e gentileza de olhar para a mim e parabenizar pela postura calma e tranquila de Nina durante os acontecimentos.

Olhei para Nina e a vi me olhar também, como se quisesse me dizer que aquela moça não conhecia nem “metade da reza”. Ficasse ela um dia apenas em casa para saber de fato o que seria essa ilusória postura calma e tranquila. Captei a mensagem de Nina e agradei à moça, disfarçado um sorriso sem graça. Mal sabia a recepcionista...

A ex-aluna

Na semana passada encontrei uma ex-aluna. Eu precisava comprar alguns panetones para dar de presente de Natal e resolvi ir a um *shopping*. Estava com pressa.

Ela veio ao meu encontro, sorrindo. Estranhei. Uma mulher alta com uma criança vindo ao meu encontro sorrindo e com a feição de quem estava feliz. Não sabia seu nome, sequer a reconheci de imediato. Parei naquele corredor e devo ter feito cara de quem não sabia o que estava acontecendo. Quando ela falou meu nome, fiquei mais calmo, relaxei e dei um sorriso de meia boca para retribuir ao seu.

Tinha sido minha aluna em 1998. Contou-me que por causa de minhas aulas havia escolhido fazer Literatura em uma universidade pública. Disse que se doutorou e lecionava também em uma federal e estava muito feliz com a profissão. Apresentou-me seu filho.

Em cinco minutos me contou sua vida com uma satisfação vibrante e visível em cada palavra, sempre se reportando ao tempo em que passamos juntos naqueles anos do Ensino Médio. Quase não me deixava falar. Emendava um assunto ao outro e parecia que estava esperando muito aquele momento.

Despediu-se. O menino também. Foram pelo corredor do *shopping* de mãos dadas. De longe eu ainda a ouvia falar de mim para ele, que também não conseguia dizer muita coisa, não havia espaço para ele em nosso encontro.

Fiquei pensando sobre a responsabilidade de um professor na vida de um aluno e o quanto ela não pode ser mensurada. Aquela menina adolescente estava sempre a me perturbar com seus textos para que eu fizesse uma observação, ainda que fosse negativa. Era quase um ritual, às vezes, cansativo.

Gaston Bachelard disse um dia que “para ensinarmos um aluno a inventar, precisamos mostrar-lhe que ele já possui a capacidade de descobrir”. Ela descobriu adolescente seus gostos e seus desejos pela literatura, inventou-se mulher pela academia e pela docência. Estava Feliz. Eu também.

Sorri e continuei a minha busca por panetones, agora sem nenhuma pressa no coração.

O velório e a pós-modernidade

Há tempos ouço falar em inovação sob o prisma de diversas áreas do conhecimento. Um as tratam de maneira clara, considerando-a como melhoria ou otimização daquilo que já existe sacramentado pela história natural das descobertas e pela materialização dela. Outras, em um tom mais agressivo por assim dizer, a tratam como um ineditismo essencial para a sobrevivência dessa materialização.

Ao chegar naquele velório, mesmo sendo de uma pessoa um pouco mais distante, pude abraçar alguns parentes e amigos dela em um tom de consolo e de pêsames. Qual não foi minha admiração quando vi que, ao invés de coroa de flores, a sala mortuária estava decorada com fotos de cães e gatos.

Logo vim a saber que ela era responsável por uma organização que cuidava de animais de rua. Havia sido sua exclusiva dedicação durante muito tempo de sua vida.

Disseram-me inclusive que morreu preocupada com alguns dos quais não teve tempo de cuidar e dar uma vida um pouco mais digna do que a da rua.

Sai do velório com a sensação de que ali havia uma inovação, aliás, sem muito custo ou esforço para dar àquela sala um tom de

lembranças do que ficou de mais íntimo e nobre da falecida. Nada havia de otimização ou de descoberta. Era simples homenagem a uma vida dedicada à causa.

Tenho fugido um pouco de discussões sobre esse assunto “inovação”. Tudo parece convergir para uma eterna obsessão em movimento circular, típica do chamado tempo da pós-modernidade, esse que surgiu do nada sem nem mesmo dar respostas e nem resolver o problema das mazelas sociais da própria modernidade.

Quem diria? Um velório me dizendo o que pode ser inovação...

Apenas volúpia

“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”. Li essa frase na semana passada atribuída a Albert Einstein em um livro de memórias. Frase categórica e precisa. Categórica porque, de fato, não deixa dúvidas sobre o que pretende significar e precisa porque é necessária.

Um dia antes havia lido no jornal sobre um rapaz que espancou e arrastou sua namorada pela calçada até jogá-la dentro do carro. Havia pessoas próximas, algumas até desesperadas com o acontecimento, outras, filmando-o com o celular e outras, ainda, apenas observando.

Situação não muito diferente aconteceu durante o afastamento social da pandemia Covid19. Muitas pessoas infectadas, doentes, internadas, isoladas e vivendo o terror de serem submetidas a tratamentos agressivos para sobreviverem, outras, duvidando, retrucando, desdenhando e maldizendo, deixando acontecer.

Uma amiga já falecida me disse um dia que há pessoas que têm o prazer de se voluntariarem para ajudar o próximo para que ele tenha uma vida mais digna e há outras ainda que gostam de visitar

um aeroporto, não para observar os aviões decolarem, mas, sim, para ver se algum deles não cai e se espatifa no chão.

A discussão filosófica sobre o Bem e Mal é complexa e antiga. Mário Quintana escreveu do alto de sua ingenuidade que, “no fundo, não há bons nem maus. Há apenas os que sentem prazer em fazer o bem e os que sentem prazer em fazer o mal. Tudo é volúpia”. Para os que não fazem, mas só gostam de observar, um pingo pode ser uma letra. Ingenuidade inteligente...

Chiquinha chegou

E foi em um galho de uma grande árvore florida, pendendo-se para o riacho, que Chiquinha foi encontrada naquela tarde quente do mês de Janeiro. Assustada, com os olhos arregalados e com medo de se despencar e cair na água, miava alto como se quisesse pedir ajuda e avisar que ela estava ali correndo perigo.

Eu assisti à cena em que um amigo a retirou de lá antes que o pior pudesse acontecer. Ela tremia em suas mãos bondosas e foi levada até um lugar seguro e aconchegante daquele terreno íngreme onde estávamos.

Resolvi levá-la para casa e cuidar dela, como fiz com Nina há três anos. Dei-lhe o nome de Chiquinha. Pequenininha e zebrada de amarelo, preto e branco e com os olhinhos amendoados como mel doce.

Nina estranhou a presença nova na casa e, principalmente, a minha atenção à moradora recente. Enciumou-se, escondeu-se, relutou, mas logo acolheu-a em seus bracinhos como se a quisesse pegar no colo. Tratou logo de se passar pela irmã mais velha, limpou-a e deu a ela um aconchegante abraço quentinho e carinhoso, daqueles que levam tempo para se desfazer e que trazem à luz uma imagem quase santa de pureza.

Lembrei-me até de uma viagem recente ao Vaticano. Eu, no corredor, parado diante da *Pietà*, de Michelangelo, aquela cena impressionante e ao mesmo tempo terna. Ela abrigada em uma redoma de vidro para ser protegida de vândalos, o que me contou um guarda que ficava em posição de sentido ao lado da obra de arte. Nela a Virgem Maria traz em seu colo Jesus Cristo morto após ser crucificado. Também um abraço carinhoso, porém triste e sofrido.

Aquele abraço fraterno e felino me disse outras coisas. Uma delas foi a que Nina precisava de uma irmãzinha mais nova e de uma companhia que eu, por mais que me esforçasse, não conseguiria ser. Outra, a que Chiquinha encontrara ali um conforto de alma, se é que um animal a tem, e uma esperançosa alegria de uma nova vida, dessa vez mais feliz.

Chiquinha e Nina brincaram e rolaram pela casa à tarde toda...

Vestígios do dia

Há sempre o que se dizer todos os dias sobre esses mesmos dias. São dádivas divinas trazidas pelo nascer do Sol e pelo abrir dos olhos e levadas de nós, para nunca mais voltarem, pela noite escura e suas estrelas no infinito. Ficam nas lembranças, nas saudades e nos registos que fazemos deles.

Foi assim que nasceu a minha necessidade de escrever sobre os vestígios que esses dias deixam guardados, ainda que sejam vestígios minúsculos, mas que possam ter tido uma importância fundamental para a maneira com que enxergo, leio e interpreto o mundo.

Muitos passam despercebidos, mas há sempre aqueles diante dos quais, e às vezes convidado pelo momento, me coloco como observador. Quando o percebo, procuro extrair dele o máximo de detalhes para podê-lo ampliá-lo com fidelidade, respeito e delicadeza que merece.

Em algum lugar, creio que em um provérbio chinês, li certa vez que “o passado é história, o futuro é mistério e o presente é uma dádiva. Por isso mesmo recebe esse nome”. Sim, dádiva de Deus.

Aqui há vestígios do passado e do presente. Vestígios vividos e percebidos como uma história que insiste em prosseguir. O futuro

é mistério realmente, não há vestígios que o definam ou que o expliquem.

E será assim até quando Deus me der essa paciência e esse desejo incontestado de poder percebê-los, lê-los, interpretá-los e registrá-los na escrita, na linguagem, na minha linguagem, na grata linguagem dos homens.





José Luiz Marques

reside em Indaiatuba/SP. Atualmente é Diretor da Faculdade Tecnologia de Indaiatuba – FATEC - Dr. Archimedes Lammoglia. Formou-se em Letras, Gestão, Marketing e é mestre em Educação pela PUC-Campinas.

Tem artigos publicados nas áreas da Educação Superior, Educação Tecnológica e da Linguagem. Em sua trajetória profissional foi professor durante 34 anos de Língua Portuguesa, Literaturas, Comunicação e Metodologias da Pesquisa.

Escrever é sua rotina, falar de assuntos cotidianos por meio da escrita é uma atividade constante em seus dias. Tem muita admiração pela passagem das horas e pelos vestígios que ela deixa na vida de cada um. Vestígios do dia, portanto.

Seus autores prediletos da Literatura Brasileira são: Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector, sempre inspirações para suas atividades de crônicas narrativas como as deste livro.



ISBN 978-65-89010-96-8

